

CONGRESSO DA CONTCOP DEFENDE A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

Participantes questionaram o monopólio
que ainda existe na imprensa brasileira



MOTOBOYS, PROFISSÃO DE RISCO

Eles querem sair do perigo, mas
pedem a colaboração do governo



MARCHA DOS TRABALHADORES LEVA 50 MIL A BRASÍLIA

**Ação unitária
entre centrais sindicais
e movimentos sociais
marca a volta da classe
trabalhadora às ruas da
capital federal**



CAPA Marcha por um Brasil mais justo. Pág. 4



UGT REINTERA APOIO À LUTA DOS TRABALHADORES AMERICANOS. Pág. 38



PEC DOMÉSTICAS Da invisibilidade social à plenitude dos direitos assegurados em CLT. Pág. 16

LIDERANÇAS DISCUTEM CENÁRIO POLÍTICO LATINO AMERICANO 8

UGT PREPARA DELEGAÇÃO PARA 102ª CONFERÊNCIA DA OIT 10

SEMINÁRIO FORTALECE REPRESENTAÇÃO SINDICAL DE SERVIDORES DA UGT 14

COMERCIÁRIOS DE SÃO PAULO E UGT PRESTAM HOMENAGEM ÀS MULHERES 18

TESOURINHA, UMA ESCOLA DE PRINCÍPIOS, DE VISÃO, DE BELEZA 20

CONFERÊNCIA DE RAÇA E GÊNERO DA UGT CRIA COLETIVO RACIAL E LGTB 24

ROBERTO SANTIAGO: O DEFENSOR INFLUENTE DOS TRABALHADORES 27

TECNOLOGIA A SERVIÇO DO DESEMPREGO NAS AGÊNCIAS BANCÁRIAS 28

O BRASIL NÃO PODE SER MAIS CONVIVENTE COM A VIOLÊNCIA 30

HISTÓRIAS E VIVÊNCIA DE QUEM MORA NA RUA 34

CENTRAL DE INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS 37

CONGRESSO DISCUTE O FIM DO MONOPÓLIO DA COMUNICAÇÃO BRASILEIRA 41

UGT-PARANÁ: 5 ANOS DE HISTÓRIA 42

UGT AMAZONAS SE PREPARA PARA O FÓRUM DE MEIO AMBIENTE 44

MOTOBOYS: PROFISSÃO DE RISCO 46

CULTURA PARA TODAS AS CLASSES 50

VAMOS FAZER A DIFERENÇA



Qualificar e preparar a classe trabalhadora para os grandes debates é uma missão da qual a União Geral dos Trabalhadores não abre mão. Para enfrentar os novos desafios é necessário conhecer de perto todos os temas discutidos, e foi com esse foco que a Secretaria de Relações Internacionais da

UGT realizou um seminário para qualificar os trabalhadores que irão esse ano para a 102ª Conferência da Organização Internacional do Trabalho - OIT, em Genebra, na Suíça.

Em Genebra, a UGT terá papel de protagonista nas reuniões e espaços de discussões. Portanto devemos estar muito bem qualificados para os debates que envolvem os temas "Diálogo Social", "Empregos e Proteção Social em um novo contexto demográfico" e "Empregos Verdes e Trabalho decente". Todos os temas são de amplo conhecimento da classe trabalhadora, Afinal vivemos cotidianamente essas situações. No entanto viver não é o mesmo que saber, discutir com profundidade e, após o seminário, com a presença de renomados profissionais, como Stabley Gacek, diretor adjunto da OIT, preparamos nossa bagagem para fazer a diferença.

Marcos Afonso de Oliveira
Secretário de Imprensa da UGT

EXPEDIENTE

Presidente
Ricardo Patah

Conselho editorial
Antonio Carlos Reis
Enilson Simões de Moura
Laerte Teixeira da Costa
Antônio M. Thaumaturgo Cortizo
Lourenço Ferreira do Prado
José Roberto Santiago
Davi Zaia
Severino Ramos
Canindé Pegado
José Moacyr Pereira
Francisco Pereira de Souza Filho
Benedito Antonio Marcelo
Arnaldo de Souza Benedetti
Otton da Costa Mata Roma
Marcos Afonso de Oliveira
Valdir Vicente de Barros
Mônica da Costa Mata Roma
Eleuza de Cássia Buffeli Macari
Josineide de Camargo Souza

Diretor Responsável
Marcos Afonso de Oliveira
MTb 62.224

Jornalista Responsável
Mauro Ramos
MTb 11.875

Edição
Elaine Gazozni

Redação
Fábio Ramalho
Joacir Gonçalves
Mariana Veltri
Paulo Pirassol

Programação Visual, artes e Diagramação
Antonio Laudate

Fotos
FH Mendes
Arquivo da UGT



AGORA A CULPA É DO TOMATE?

Ricardo Patah,
presidente nacional da UGT

Com elevação de 122,13% no preço em 12 meses, segundo o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), o tomate virou o vilão da inflação no Brasil e passou a ser alvo dos economistas.

Em outras épocas os vilões foram o pepino, o chuchu e até a farinha de mandioca. O problema, na verdade, é muito mais amplo e envolve uma série de fatores. Em março, na comparação com os últimos 12 meses, a inflação oficial medida pelo IBGE chegou a 6,59%, acima do teto da meta do governo (de 4,5% mais 2 pontos percentuais de tolerância para cima e para baixo).

Ou seja, por mais que a presidenta Dilma Rousseff e o ministro da Fazenda Guido Mantega digam que tudo está sob controle, a bem da verdade é que o Brasil enfrenta um processo de elevação de preços porque a procura está maior do que a capacidade de produção do País. O aquecimento econômico vivido pelo Brasil nos últimos anos deixou as pessoas com maior poder aquisitivo, mas a produção não conseguiu acompanhar este crescimento.

O trabalhador sabe muito bem como a inflação é danosa e, por isso, é preciso evitar que ela volte à nossa economia. Nem nos piores pesadelos podemos retroceder no

tempo e conviver com índices absurdos como aqueles da década de 80, quando os preços nas prateleiras dos supermercados eram corrigidos diariamente. O impacto da inflação depende muito do que cada família consome, onde mora e outros fatores, mas é impossível escapar depois que ela contamina a economia do País.

Investir no aumento da produção é, sem dúvida, muito mais eficaz do que abrir mão de impostos com a desoneração sem contra partida. O aumento da produção gera aumento de emprego e é um alívio a família do trabalhador. A desoneração de impostos só tem atendido aos interesses dos empresários que passam a ter mais lucros, pois os benefícios obtidos não são repassados ao consumidor. O exemplo é o setor automobilístico, que obteve redução do IPI, mas manteve os preços nos mesmos níveis e em alguns casos houve até aumento de preços dos veículos.

Mexer na política de juros, como o Governo fez agora com o aumento da taxa Selic em 0,25% para tornar mais caro o crédito para o consumo e, assim, tentar fazer com que os caíam, pode ser uma saída, mas o mais importante é reduzir os gastos públicos e incentivar a produção. Políticas de controle inflacionário não podem sacrificar o crescimento.

Muito pelo contrário. É preciso que o consumo interno se aproxime da capacidade produtiva do País, sem que isso incentive os empresários a aumentar os preços.

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro fechou 2012 com crescimento de 0,9%, o pior desempenho desde o pico da crise, em 2009, quando encolheu 0,3%. Não podemos ter mais um ano de crescimento econômico pífio. Além disso, o endividamento das famílias brasileiras é um dos maiores da história e já chega a 63% do orçamento anual e se a economia brasileira não retomar a patamares de crescimento a níveis de 4% a 5% ao ano vamos ter sérios problemas.

Alguns deles inclusive, que já começam a serem detectados como aponta uma pesquisa da Confederação Nacional do Comércio, indicando que o total de famílias com contas em atraso somou 21,5%. Grande parte dessa dívida é com os bancos e um número significativo refere ao crédito imobiliário, que é uma dívida a longo prazo, cujos riscos são bem maiores, apesar do BC achar que ela não é comprometedora.

Culpar o tomate não é a saída. Estimular a produção para se atingir um crescimento duradouro e livre do fantasma da inflação é o que todos esperam do Governo.



NA CAPITAL FEDERAL 50 MIL PESSOAS MARCHAM POR UM BRASIL MAIS JUSTO

**MILITÂNCIA
UGETISTA SE UNE A
MOVIMENTOS SOCIAIS E
REPRESENTANTES DE OUTRAS
CENTRAIS PARA COBRAR DO
GOVERNO UMA SOLUÇÃO
PARA AS LUTAS DA CLASSE
TRABALHADORA**

Para que o Brasil retome o caminho do crescimento econômico, valorizando, fundamentalmente, o mercado interno para buscar a ampliação da oferta de empregos, visando melhorar a distribuição de renda e a qualidade de vida da população, a União Geral dos Trabalhadores (UGT), juntamente com a CUT, CTB, Nova Central, CGTB e Força Sindical, promoveram a 7ª Marcha das Centrais Sindicais e Movimentos Sociais.

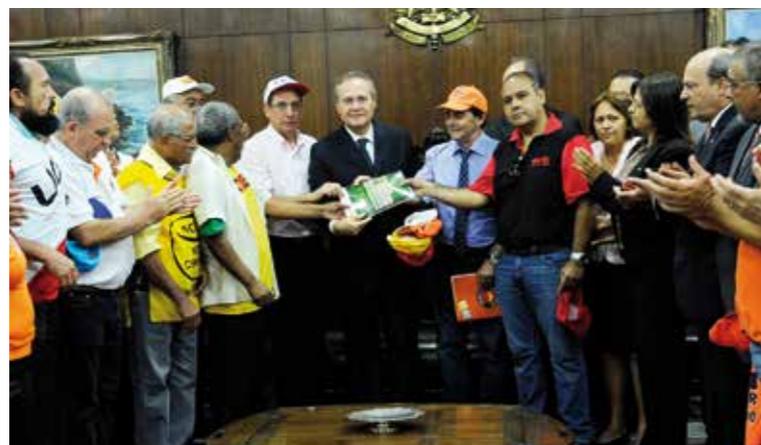
O ato, que aconteceu em 06 de março, em Brasília, levou mais de 50 mil pessoas para a Esplanada dos Ministérios e marcou o retorno da classe trabalhadora organizada às ruas do Distrito Federal para cobrar avanços na negociação das bandeiras de luta apresentadas, ainda, durante as eleições presidenciais de 2010.

Nesse período de governo Dilma Rousseff, o diálogo com as centrais sindicais ou movimentos sociais praticamente não aconteceu. Por esse motivo, centenas de pessoas foram para as ruas reivindicar, acima de tudo, a retomada das negociações referentes à pauta da classe trabalhadora.

“2013 é o ano da classe trabalhadora, não podemos aceitar que as pautas históricas de luta da categoria continuem sem uma definição porque o Governo simplesmente dei-



Após o ato que marcou a volta da classe trabalhadora organizada às ruas do Distrito Federal, Ricardo Patah e os presidentes das demais centrais entregaram pauta de reivindicação da classe trabalhadora aos presidentes da República, Senado Federal, Supremo Tribunal e Câmara dos Deputados



xou de dialogar com os representantes trabalhistas, mas foi e ainda é extremamente solícito com o Setor Patronal”, explicou Ricardo Patah, presidente nacional da UGT.

Entre as reivindicações, os manifestantes exigiam o fim do fator previdenciário, reforma agrária, igualdade de oportunidade entre homens e mulheres, jornada de trabalho fixada em 40 horas semanais sem redução de salário, 10% do PIB (Produto Interno Bruto) para educação e o mesmo percentual para a saúde, política de valorização para os aposentados. Além de correção da tabela de imposto de renda, regulamentação da convenção 151 da OIT (Organização Internacional do Trabalho), que esta-

belece o princípio da negociação coletiva para os trabalhadores do setor público e ratificação da Convenção 158, que trata sobre demissões involuntárias, além de ampliação do investimento público, como a continuidade das obras de transposição do Rio São Francisco, pauta amplamente defendida pela UGT.

Segundo Patah, só as obras de transposição do “velho Chico” irão beneficiar cerca de 12 milhões de pessoas que sofrem com os graves efeitos da seca na região norte/nordeste do País. Além disso, essa é uma obra que garantirá, durante sua construção, emprego e renda para milhares de famílias.

Simbolizando a retomada das negociações entre representantes do governo e de entidades de classe, ao final da marcha o primeiro dos objetivos da manifestação foi atingido, pois um documento unitário da classe trabalhadora foi



UM DIA HISTÓRICO

A manifestação iniciou no estádio Mané Garrincha, palco brasileiro para a Copa das Confederações e Mundial de 2014, e se estendeu por, aproximadamente, três quilômetros, mostrando a força da unidade das centrais sindicais e movimentos sociais.

Militantes da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Movimento Brasileiro dos Sem Terra (MBST), Confederação Nacional dos Agricultores Familiares (CONAFER), Movimento Camponês Popular (MCP), União Nacional dos Estudantes (UNE), União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), União da Juventude Socialista (UJS) se juntaram com representantes dos movimentos Negros, LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) e de Mulheres que se uniram aos trabalhadores e trabalhadoras das centrais sindicais que viajaram de diversas partes do Brasil para cobrar do governo um posicionamento quanto às exigências da classe trabalhadora.

“Esta é a força da sociedade brasileira que luta para que o Brasil seja cada vez mais um País soberano, justo e igualitário. A pauta da classe trabalhadora é o anseio de todo o cidadão e cidadã que luta, incansavelmente, por uma sociedade melhor para todos”, diz Patah.

elaborado entre as centrais e movimentos foi entregue a Dilma Rousseff, Henrique Alves, Renan Calheiros e Joaquim Barbosa, respectivamente presidentes da República, Câmara dos Deputados, Senado Federal e Supremo Tribunal.

A presidente Dilma se mostrou disposta a avançar com os debates que pautam a luta da classe trabalhadora, mas não prometeu um desfecho.

Na Câmara, Henrique Alves se comprometeu a solicitar de Guido Mantega, Ministro da Fazenda, uma data limite para que, definitivamente, seja resolvida a questão referente ao fator previdenciário.

Segundo Patah, os encontros foram importantes para retomar o diálogo entre as centrais sindicais e o governo para, com isso, novamente discutir as bandeiras de luta da classe trabalhadora. “Chega de só negociar com patrão, exonerar folha de pagamento e não cobrar o aumento de emprego como contrapartida. Jamais aceitaremos perda de direitos para a classe trabalhadora. As reivindicações trabalhistas precisam ser solucionadas e estamos otimistas para que isso aconteça o mais rápido possível”, concluiu o dirigente ugetista.

LIDERANÇAS LATINO AMERICANAS DISCUTIRAM AS PERSPECTIVAS DO PROGRESSISMO NO CONTINENTE

Avaliar o cenário político e social na América Latina e suas expectativas foi o que norteou as discussões que aconteceram durante o encontro “Transformações em risco? Perspectivas e tensões do Progressismo na América Latina”, realizado pela Confederação Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras das Américas (CSA) e Fundação Friedrich Ebert (FES), que aconteceu no dia 04 de abril, na sede do Parlamento do Mercosul, em Montevidéu, no Uruguai.

O encontro, que reuniu lideranças políticas e sindicais de 12 países (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Peru, República Dominicana e Uruguai), contou com a participação do presidente da União Geral dos Trabalhadores (UGT), Ricardo Patah, que esteve ao lado do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, do presidente do Uruguai, José Mujica, e de Victor Báez, secretário geral da CSA.

Mais de 500 pessoas acompanharam o debate que teve como um dos assuntos principais o monopólio dos meios de comunicação. “Não é possível que meia dúzia de pessoas tenham o comando da comunicação no Brasil e no mundo. Precisamos mudar esse mapa e o caminho é o movimento sindical exercer forte pressão nos governos”, explicou Ricardo Path, que concluiu dizendo que democratizar os meios de comunicação é fundamental para garantir os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras e, com isso, poder discutir suas prioridades.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi contundente ao condenar o monopólio dos meios de comunicação, afirmando que, no Brasil, o controle da comunicação não pode continuar nas mãos de poucas famílias.

Enquanto o presidente uruguaio comparou o controle da comunicação com a ditadura militar, Victor Báez, secretário geral da CSA, foi o primeiro a responder perguntas do mediador Geraldo Caetano, que colocou em discussão a democratização dos meios



O ex-presidente Luiz Inácio da Silva, durante debate na sede do Mercosul no Uruguai. Ao lado, Luica Topolansky, senadora e esposa do presidente José Mujica, senador Homero Guerrero e Ricardo Patah, presidente nacional da UGT

de comunicação destacando que “toda vez que a imprensa noticia algum tema de cunho social, a matéria vem cheia de preconceitos e críticas ao processo de inclusão”. Segundo Báez, esse é o desafio da América Latina para consolidar e avançar a democracia e o combate à desigualdade.

Geraldo Caetano lembrou que a América Latina, mesmo diante dos avanços econômicos e sociais obtidos nos últimos anos, continua apresentando a terceira maior desigualdade de renda do planeta. O moderador perguntou aos

Em Montevidéu, UGT participou do encontro que reuniu representantes de 12 países num momento de reflexão sobre os avanços sociais e políticos já conquistados na América Latina

debatedores quais as medidas a serem adotadas frente à tamanha gravidade.

Lula respondeu que a primeira medida prática será elegendo governos democrático-populares, “pois não se consegue mudar em 10 anos toda uma herança de desmandos, mas é possível que um governo conservador retroceda do dia para a noite”. “Em vários dos nossos países da América Latina conseguimos reafirmar o Estado como um polo de desenvolvimento. Conseguimos acabar com a ideia que o Estado não servia, não prestava e que o mercado, que só atua onde tem lucro, é quem tinha as soluções. Mas o que vimos na Europa é que o deus mercado faliu e quem teve de socorrer foi o pobre diabo do Estado”, advertiu.

O ex-presidente brasileiro ainda fez duras críticas à concentração dos meios de comunicação, afirmando já ter ouvido de Obama, presidente dos Estados Unidos e de Angela Merkel, Chanceler da Alemanha, reclamação sobre o comportamento da mídia. “Penso que nós não devemos ter monopólios de mídia no Brasil, onde poucas famílias mandam no setor. Isso é contra a democracia que, para mim, não é uma coisa menor. A democracia é a única razão de ser e a única maneira de um governo de esquerda programar as mudanças necessárias”.

Já o presidente José Mujica comparou a ditadura militar aos grandes conglomerados de comunicação e defendeu “mecanismos de regulação” que garantam a diversidade de opiniões, lembrando que em seu País a “liberdade de imprensa tem de passar pelo olho da fechadura de um sistema empresarial muito estreito”, afirmando que atualmente no mundo não existe liberdade de imprensa e sim liberdade de empresa.

Em relação à América Latina, José Mujica assegurou que “daqui há 15 anos seremos o Continente mais invejado do mundo, porque somos detentores de recursos de caráter estratégico, com abundância de água, com imensas potencialidades que agora começam a se tornar realidade”. Ele também pediu apoio do ex-presidente Lula para que, até 2014, não exista mais fronteiras entre Brasil e Uruguai, havendo livre trânsito de mercadorias e de pessoas.

No final do debate, Lula disse que é otimista em relação à América Latina e que as decisões coletivas devem ser implementadas, lembrando que dificilmente haverá um retrocesso no continente: “Quem comeu carne pela primeira vez dificilmente vai se acostumar a comer sem carne. Não há nada que faça a América Latina retroceder. Que se cuide quem quiser ser governo, pois o povo aprendeu a conquistar as coisas”.





"Com a realização do Seminário, segundo Stanley Gacek, diretor adjunto da Organização Internacional do Trabalho, a UGT se consolida como uma das poucas centrais sindicais do mundo a preparar suas delegações para a 102ª Conferência da OIT".

UGT É PIONEIRA NA FORMAÇÃO DE SEUS DIRIGENTES

Delegação ugetista segue preparada rumo à 102ª Conferência da OIT

Preparar seus dirigentes e formar lideranças é um dos pontos que tem destacado a União Geral dos Trabalhadores (UGT) como central voltada para a formação e qualidade de seus representantes, assim como seus representados. Com foco na preparação de seus delegados, a Secretaria de Relações Internacionais da UGT realizou, no Hotel Braston, em São Paulo, em janeiro deste ano, um Seminário preparatório para a 102ª Conferência da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a ser realizado em junho, em Genebra, na Suíça.

A UGT vê na Conferência da OIT,

onde governo, empregadores e sociedade civil se reúnem para tratar de temáticas de interesse da classe trabalhadora, uma oportunidade de fortalecer os direitos da classe junto a construções de políticas públicas, a partir da participação dos representantes dos trabalhadores. Isso porque a OIT é o principal órgão da Organização das Nações Unidas (ONU), onde, através de normas, são debatidas e ratificadas convenções pertencentes às lutas do movimento sindical.

E as consequências da crise financeira econômica mundial, que incidiu em 2008 e reflete hoje no desemprego de milhões de trabalhado-

res, rondam esta 102ª Conferência da OIT, a partir de três temáticas: "Diálogo Social", "Emprego e Proteção Social em um novo contexto demográfico" e "Empregos Verdes e Trabalho Decente". São novas realidades que precisam ser debatidas e reestruturadas tanto nas medidas governamentais, dos empregadores e da classe trabalhadora, que é a base, junto à juventude, para a construção de uma nova ordem mundial.

Com o apoio do Instituto de Altos Estudos da UGT, a central vem se preparando para melhor atender as demandas de suas lutas. Pelo que foi acordado entre as centrais, este ano a UGT terá papel protagonista nas

reuniões e espaços de discussões da OIT. A área internacional tem um papel protagonista muito importante no contexto atual e Mônica Mata Roma, secretária adjunta da Secretaria de Relações Internacionais da UGT, junto às análises do Instituto percebeu a necessidade de estruturar uma oficina para a delegação que representará a UGT neste encontro, quando então, foi realizado o Seminário.

Roberto Nolasco, assessor da secretaria de Finanças da UGT, presta assessoria para o Instituto e traçou um parâmetro sobre a importância deste, para a central. "Organizações do trabalhador precisam estar preparadas para um novo tipo de papel

que estão sendo chamadas a representar, principalmente na sua estrutura como é a central sindical. Hoje cabe à organização dos trabalhadores reflexões de âmbito internacional e nacional junto aos aspectos considerados importantes para o trabalhador. Uma central sindical não pode estar voltada apenas para as questões sindicais, o sindicato tem obrigação legal de estar voltado para a sua base, mas a central tem que pensar o Brasil e o mundo como uma maneira importante", explica.

"Seremos delegados por parte dos trabalhadores, uma missão muito importante, e precisamos estar incisivos e proativos. Estamos vivendo nesse

momento uma situação crítica com a Europa em grave crise econômica financeira, que afeta seus empregos; a perspectiva eurocêntrica nos apresenta a crise europeia como sendo mundial e que nos desafia a encontrar mecanismos e modelo de desenvolvimento mais eficazes que aqueles que temos experimentado ao longo das últimas décadas e que, principalmente, não conspiram a conta da irresponsabilidade financeira, fiscal, política e econômica aos trabalhadores, que são a base da pirâmide", defende Mônica Mata Roma.

Valdir Vicente, secretário de Políticas Públicas da UGT, disse que a imigração é um ponto que tem que ser discutido incansavelmente. "Enquanto não houver a liberdade de circulação dos trabalhadores entre os países, não haverá como prosperar. A integração deve ser geral, não somente econômica ou social. E isso faz parte do debate da área internacional. Temos que defender o direito de imigrar e não imigrar. É a dinâmica da sociedade e a vontade das pessoas conhecerem uns aos outros", pontuou.

Para Otton Mata Roma, secretário de Relações Internacionais da UGT, a flecha foi lançada e o sonho realizado, ao conseguir agregar mentes, ideologias, para um propósito. "Temos que ter, além do objeto, objetivo, que é levar para a OIT a melhor

delegação de trabalhadores de centrais brasileiras. Essa é a meta da UGT, e com a grande competência da equipe liderada pela Mônica e com ajuda do Wagner José de Souza (também secretário adjunto da pasta), vamos nos tornar, além de dirigentes sindicais, o mais técnicos possível para poder defender aqueles que nos elegeram para estarmos presidentes de nossos sindicatos, federações, confederações e de nossas centrais sindicais. Com a ajuda do governo, alcançaremos esse objetivo”, declara.

O presidente nacional da UGT, Ricardo Patah, destaca a qualificação e história de atuação de seus dirigentes para o quadro internacional. “São tantos quadros, que temos às vezes dificuldade da interatividade e sinergia entre as pessoas e as responsabilidades da central de analisar todos os esforços de uma maneira. A UGT tem que estar atenta com os temas desenvolvidos, tem que ser pessoas que realmente fiquem com esse compromisso. Temos relações bilaterais entre sindicatos internacionais e precisamos começar a construir um projeto onde vamos agregar todo esse conhecimento, essa perspectiva em favor da UGT”, situa Patah, ao apontar a amplitude de atuação da UGT e parcerias com representantes dos trabalhadores americanos como SEIU e UAW e a central belga CSC.

A ideia de Patah, com o seminário, era dar maior amplitude, ser um instrumento de mudança, capacitar ainda mais o quadro de pessoas, que contou com a participação de representantes da central, assim como alguns presidentes das UGTs Estaduais, como Paulo Rossi, da UGT Paraná; Nilson Duarte, da UGT Rio; Isau Chacon, da UGT do Distrito Federal e José Francisco, da UGT Pará, participantes ativos de conferências das OITs. Laerte Teixeira da Costa, vice-presidente da UGT e secretário de Políticas Sociais da Confederação Sindical dos Trabalho-

res das Américas (CSA), e Leandra Perpétuo, também da CSA, deram sua contribuição ao falar das “Normas e Direitos Fundamentais e o Sistema de Controle da OIT”.

Stanley Gacek, diretor da OIT no Brasil, elogiou o pioneirismo e a importância que acarreta esse tipo de seminário. Ao expor a história da organização, lembrou que, desde a fundação da OIT, em 1919, os primeiros fundamentos continuam sendo os direitos fundamentais do trabalho, inclusive os direitos de organização sindical, liberdade sindical e negociação coletiva.

“Meus parabéns à UGT porque têm poucas centrais sindicais em qualquer país do mundo que fazem uma preparação como essa para uma Conferência Internacional do Trabalho. Estou feliz por tomarem essa iniciativa, porque o fortalecimento da OIT depende dessas ações. Quanto mais preparada uma delegação de constituintes, melhor os resultados e qualidade dos debates dentro da Conferência Internacional. Inclusive nessa 102ª, que será histórica, será a primeira Conferência com um diretor geral empossado (Guy Rider), que vem do movimento sindical”, declarou.

Os tópicos serão de importância fundamental para todos os constituintes envolvidos no mundo do trabalho. Sergio Paixão, diretor para assuntos internacionais do Ministério do Trabalho e Emprego, enfatizou a importância de se manter ativas as resoluções saídas da OIT, como a conquista da PEC 189, relativa às Domésticas. “O trabalho doméstico representa uma grande parcela da atividade econômica com histórias tristes, e foi um grande avanço dentro da Conferência reali-

“SÃO TANTOS QUADROS, QUE TEMOS ÀS VEZES DIFICULDADE DA INTERATIVIDADE E SINERGIA ENTRE AS PESSOAS E AS RESPONSABILIDADES DA CENTRAL DE ANALISAR TODOS OS ESFORÇOS DE UMA MANEIRA”

Ricardo Patah

Antonio Thaumaturgo Cortizo, vice-presidente da UGT, a atenção para a Comissão de Normas é importante, porque é onde se analisam as denúncias das convenções que estão sendo violadas por diversos países, onde se traz esperanças e o desejo de melhorias no mundo do trabalho. E, para ele, o compromisso da UGT deve ser sério e comprometido com o direito dos trabalhadores.

“A OIT é uma casa séria na área internacional, ali é como um parlamento mundial, onde se elaboram as leis trabalhistas de alcance internacional. E aqui foi visto como se internaliza uma convenção em nosso País, que é via Congresso Nacional. Portanto, é via legislativo que uma convenção passa a fazer parte legal e jurídica de nosso País. Com esse Seminário, a UGT chegará comprometida e preparada para discutir com os outros países os direitos dos trabalhadores na Conferência”, comemora Cortizo.

Wagner José de Souza abordou a importância do intercâmbio de informações. “Quando estamos lá fora, estamos travestidos de mundo e é nesse diálogo social que falaremos em termos de mundo. Vamos dividir e trocar. É um momento ímpar saber que a UGT é a primeira central a se reunir no Brasil para discutir essa convenção. E parabênz, porque aprovaram aquilo que é o direito do

trabalhador: saber aqui, o que ocorre no mundo”, frisou.

Com o Seminário, a UGT leva em sua bagagem o compromisso com as mudanças no mundo, ideias, anseios e esperanças. Mônica comemora o crescimento pelo interesse em participar e evoluir. O comprometimento

das pessoas em querer fazer a diferença, o compromisso da mulher em estar ativa e atuante no movimento sindical. “A maior dificuldade da gente é a informação, tem que compartilhar. Temos que formar lideranças, que queiram dar dignidade a todos e todas. Equidade e igualdade é tam-

bém estar nisso, que todos possam saber igual a você para que a gente possa ter propostas sérias e brigar nas mesmas condições”, e finaliza: “espero que tenham levado uma mala cheia de comprometimento, conhecimento e, com sua história, a vontade de ser capaz e ser feliz”.

A UGT É UMA DAS POUCAS CENTRAIS DO MUNDO A SE PREPARAR PARA 102ª CONFERÊNCIA DA OIT

Durante o Seminário preparatório para a 102ª Conferência da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que acontecerá em junho, em Genebra, na Suíça, os (as) sindicalistas ugetistas presentes assistiram a palestras como a ministrada por Stanley Gacek, diretor adjunto da OIT.

Após sua apresentação, Stanley concedeu uma entrevista para a Revista da UGT em que falou sobre as expectativas para a os próximos cinco anos da OIT que, pela primeira vez na sua história, terá um diretor oriundo do movimento sindical.

Revista da UGT - Qual a importância desse seminário preparatório e de que forma a UGT contribui para engrandecer o 102º Congresso?

Stanley Gacek - Essa ação enriquece a Conferência da OIT de vários aspectos, principalmente porque me sinto honrado em ser convidado a palestrar sobre a trajetória da OIT e sua relevância, inclusive na área normativa. Eu acho que graças às outras palestras que tivemos nesse seminário foi fundamental para formar delegados que, com toda certeza, cumprirão um importante papel para dar um salto de qualidade à representação brasileira na 102ª Conferência da OIT, principalmente durante os comitês especiais e nas comissões permanentes.

Revista da UGT - Em sua palestra o Senhor comentou que a UGT é uma das poucas centrais brasileiras a se preparar para o evento da OIT, isso confere?

Stanley Gacek - Sim! E posso dizer que talvez essa seja uma das poucas centrais do mundo a se preparar para um evento tão importante quanto essa Conferência. Pois creio que são minorias as entidades que promovem seminários com esse molde didático para suas delegações, com exceção de algumas reuniões especiais dentro das próprias organizações.

Revista da UGT - O Senhor comentou que a OIT pela primeira vez está tendo a sua frente um diretor geral oriundo da classe trabalhadora e do movimento sindical. O que esperar da entidade para esse próximo período?



Stanley Gacek - Sou otimista e tenho minha expectativa, pois existem vários grandes desafios para a entidade, mas acho que organização e administração são os maiores desafios a serem vencidos como o de financiamento, fundos e recursos que têm diminuído, infelizmente, agravado pela crise, pois existe uma menor capacidade orçamentária por parte dos governos e estados membros da ONU, mas é possível a OIT colaborar de uma maneira mais estratégica.

Revista da UGT - A luta contra as práticas antissindicais e a ampliação dos direitos da classe trabalhadora, principalmente agora, nesse momento de crise, é uma forma de enfrentar esse colapso financeiro?

Stanley Gacek - Acho que tem tudo a ver. Exatamente porque o fortalecimento do processo de sindicalização e liberdade sindical, no sentido de organizar a classe trabalhadora sem ingerência ou represália por parte dos governos e dos empregadores, promove o aumento das negociações coletivas, isso significa uma saída para crise por meio de maior crescimento econômico e poder de consumo da população proporcionada, tecnicamente, pela demanda.

UGT luta pela garantia da REPRESENTAÇÃO SINDICAL

Com o compromisso de contribuir com a construção de um país melhor e mais justo para todos, a Secretaria Nacional dos Servidores Públicos da União Geral dos Trabalhadores (UGT) reuniu representantes da categoria, nas esferas municipais, estaduais e federais, no “Seminário Nacional de Lideranças Sindicais dos Servidores Públicos”, a fim de garantir os direitos dos trabalhadores que, conseqüentemente, melhorarão os serviços públicos à população brasileira. O encontro foi no Hotel Braston, no centro de São Paulo, nos dias 14 e 15 de março.

O evento possibilitou a discussão e a interação das dificuldades enfrentadas diariamente pelos servidores públicos, objetivando a definição de ações, metas e agendas que nortearão as atividades que a UGT desenvolverá ao longo deste mandato.

Para definir as ações e o caminho que a UGT deve percorrer em prol da categoria, o grupo discutiu temas como Negociação Coletiva; Exercício do Direito de Greve; Afastamento para o Exercício do Mandato Sindical Classista; Financiamento da Estrutura Sindical (contribuição sindical); Definição de Categorias; e Organização Sindical dos Servidores.

Todos os temas debatidos estão contidos na Convenção 151, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que trata as Relações de Trabalho na Administração Pública, ratificada pelo Brasil através do Decreto Legislativo 206 de abril de 2010, aguardando a sua regulamentação por lei complementar federal.

Um dos principais problemas diagnosticados pelos participantes é o da ausência da consciência de classe dos dirigentes sindicais, sobretudo nos trabalhos de base. Além da falta de conhecimento geral dos dirigentes acerca das

SERVIDORES PÚBLICOS E DIRIGENTES SINDICAIS PLANEJAM AÇÕES QUE A CENTRAL DESENVOLVERÁ AO LONGO DESTES MANDATO

questões macro que representam muito na vida dos trabalhadores. Para solucionar esta questão, o grupo propôs que a UGT realize cursos de formação político-sindical e prepare as lideranças para participarem da composição das futuras gestões.

Outra dificuldade levantada é a da falta de planejamento das ações políticas, sindicais e sociais. A sugestão apontada pelos representantes é a elaboração de Planejamento Estratégico criado a partir de uma assessoria local, formada pelas UGTs estaduais e seus sindicatos. Resultando na qualidade de atendimento e na melhoria dos serviços prestados à população.

A terceirização dos serviços e a carência de concursos públicos também foram bastante discutidas pelos presentes. Para o grupo,



"Evento ugetista cumpriu o seu papel de construir propostas para a categoria, fortalecendo cada vez mais a atuação da central em prol das bandeiras de luta dos trabalhadores e trabalhadoras em serviços públicos".

uma das bandeiras de luta da UGT deve ser o combate à terceirização com a realização de concursos para preenchimento de vagas.

Outro tema bastante discutido foi o conceito da Tabela de Categoria, previsto no artigo 511 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que afirma que a organização sindical no Brasil se dá por categorias. Porém, na visão do Secretário Nacional do Servidor Público, Lineu Mazano, este conceito não se aplica aos servidores públicos, pois o servidor é um agente exercendo a função pública e não representa uma categoria profissional. Assim como, para ele, o poder público (seja ele municipal, estadual ou federal) não é uma categoria econômica.

"Por se tratar de um assunto complexo, os participantes do seminário defendem que precisamos abrir novas discussões para ampliarmos o entendimento sobre o que é Categoria de Trabalho, sobretudo porque temos que considerar que a realidade em cada esfera de governo contém suas especificidades e possui diferentes legislações", afirma Mazano.

Ricardo Patah, presidente nacional da UGT, enfatizou que ao invés de apresentar um modelo pronto de propostas para a categoria, a UGT realize o Seminário abrindo espaço para que os representantes – que são os maiores conhecedores da realidade cotidiana – discutam e tragam propostas de ação, "que beneficiarão os cerca de 11 mil servidores públicos de todo o País, resultando na construção de um grande plano de ações que a central deve seguir a fim de garantir e assegurar os direitos dos servidores públicos", afirma Patah.

Na oportunidade, o Secretário de Organização e Políticas Sindicais, Francisco Pereira de Souza, o Chiquinho, disse que as questões relativas ao trabalhador do serviço público fazem parte da pauta central da UGT, pois a garantia de direitos desta classe resulta, diretamente, na melhoria da qualidade dos diversos serviços prestados à sociedade. "Desta maneira, entendemos que toda a população brasileira se beneficiará com as diretrizes tomadas durante o seminário", conclui Chiquinho.



Lineu Mazano, Secretário Nacional do Servidor Público

O QUE É CONVENÇÃO 151 DA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT)?

A convenção 151 se aplica a todas as pessoas empregadas pelas autoridades públicas (e em todos os níveis: municipal, estadual e federal). E estabelece garantias para todas as organizações que tenham por fim promover e defender os interesses dos trabalhadores da função pública nela está previsto. Tais como:

- PROTEÇÃO CONTRA ATOS DE DISCRIMINAÇÃO QUE VIOLEM A LIBERDADE SINDICAL;
- INDEPENDÊNCIA DAS ENTIDADES EM RELAÇÃO ÀS AUTORIDADES PÚBLICAS;
- PROTEÇÃO CONTRA ATOS DE INGERÊNCIA DAS AUTORIDADES PÚBLICAS;
- LIBERDADE PARA AS ENTIDADES CUMPRIREM SUAS ATIVIDADES DE REPRESENTAÇÃO;
- INSTAURAÇÃO DE PROCESSOS QUE PERMITEM A NEGOCIAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO;
- GARANTIAS DOS DIREITOS CIVIS E POLÍTICOS PARA O EXERCÍCIO DA LIBERDADE SINDICAL.

DA INVISIBILIDADE SOCIAL À PLENITUDE DOS DIREITOS ASSEGURADOS EM

CLT

PEC das domésticas cumpre um papel social importante de reparar uma das mais graves injustiças brasileiras



O Congresso Nacional aprovou em março, em definitivo, a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 478/10, que garante às empregadas (os) domésticas (os) os mesmos direitos já assegurados aos trabalhadores e trabalhadoras contratados pelo regime da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT).

O texto garante 16 direitos (veja a lista na tabela ao lado) já assegurados em CLT a toda a classe trabalhadora, menos para babás, faxineiros (as) e cozinheiros (as), dentre outras funções exercidas em residências, já que no Brasil o trabalho doméstico não é assegurado pela legislação trabalhista. “Eu acho que isso na verdade é a emancipação da categoria, que hoje sofre uma grande injustiça social ao não ser reconhecida e viver na invisibilidade”, explica Cássia Bufelli, secretária da Mulher da UGT.

A PEC, que representa mais de 70 anos de luta da categoria, cumpre um importante serviço social, pois leva em conta a importância da função desempenhada pelas empregadas domésticas e, acima de tudo, dá destaque a um grupo profissional que durante anos conviveu às margens da exclusão social.

“A forma expressiva de sua aprovação na Câmara – 347 votos a favor e dois contra – mostrou que a mentalidade brasileira vem mudando em relação à classe trabalhadora doméstica”, enfatiza Creuza Oliveira, presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad).

Segundo Creuza, a aprovação da PEC repara uma injustiça que vem acontecendo há anos para cerca de oito milhões de empregadas domésticas que trabalham no Brasil, pois esta é uma categoria formada, em sua imensa maioria, por mulheres e negras, além de ser uma categoria que sempre foi esquecida nas políticas públicas, mas que agora conquistou essa convenção graças à luta e ao apoio de todas as centrais brasileiras e movimentos sociais.

Irma Aparecida Marins, presidente do Sindicato das Empregadas Domésticas de Petrópolis, salientou que a aprovação da PEC das Domésticas, como é popularmente conhecida, será um bom incentivo para que as trabalhadoras voltem para a profissão, pois, com o ritmo de desenvolvimento do Brasil e a real universalização do ensino no País, é extremamente alto o número de trabalhadoras que, por meio de cursos universitários, abandonam a profissão para buscar outras áreas.

O EMPREGADO QUE SE TORNA EMPREGADOR

De um lado, representantes da classe trabalhadora festejam a vitória. De outro, os empregadores reclamam dos encargos e alegam “que os altos custos inviabilizarão a contratação de mão de obra, pois quem emprega o trabalhador doméstico, em sua maioria, também é assalariado”, explica Margareth Galvão Carbinatto, advogada e presidente do Sindicato dos Empregadores Domésticos do Estado de São Paulo (SEDESP).

Para Margareth, esta é uma categoria diferenciada, pois são trabalha-

dores contratando trabalhadores e, automaticamente, quanto mais encargos nas costas dos trabalhadores que contratam, maior é o risco dos contratados perderem seu emprego para restaurantes e empresas de lavanderias. “Essa será a busca pela terceirização das tarefas do lar.”

Em contrapartida, a secretária ugetista é categórica em afirmar que não concorda com a alegação feita pela presidente do SEDESP, pois não é possível as empregadas domésticas terem de esperar seus patrões receberem melhor para que sejam reconhecidas como trabalhadoras. Além de que, a partir do momento que o tra-

balhador passa a contratar uma pessoa para contribuir nas tarefas do lar, automaticamente ele se torna patrão e, assim, é preciso saber que a pessoa que foi empregada tem como direito mínimo o resguardo da CLT.

A UGT trabalha desde que foi colocada a problemática das domésticas na pauta de convenções da OIT (Organização Internacional do Trabalho) para que a profissão seja reconhecida e que as trabalhadoras tenham seus direitos assegurados.



DIREITOS ESTENDIDOS AO SETOR DOMÉSTICO

- Proteção contra despedida sem justa causa;
- Seguro-desemprego;
- Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS);
- Garantia de salário mínimo, quando a remuneração for variável;
- Adicional noturno;
- Proteção do salário, constituindo a sua retenção dolosa um crime;
- Salário-família;
- Jornada de trabalho de oito horas diárias e 44 horas semanais;
- Hora extra;
- Redução dos riscos do trabalho;
- Creches e pré-escola para filhos e dependentes até 6 anos de idade;
- Reconhecimento dos acordos e convenções coletivas;
- Seguro contra acidente de trabalho;
- Proibição de discriminação de salário, de função e de critério de admissão;
- Proibição de discriminação em relação à pessoa com deficiência;
- Proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de 16 anos.



DE NORTE A SUL DO PAÍS UGT HOMENAGEIA TRABALHADORAS BRASILEIRAS

Em São Paulo, parceria da UGT e Sindicato dos Comerciantes leva 15 mil pessoas ao Vale do Anhangabaú



Em homenagem ao Dia Internacional das Mulheres, a União Geral dos Trabalhadores (UGT), juntamente com o Sindicato dos Comerciantes de São Paulo, promoveu o evento Mulher ComVida. Em um fim de semana foram oferecidas para a população ações sociais que proporcionaram atendimento cidadão e lazer.

Durante os dois dias do evento, 09 e 10 de março, aproximadamente 15 mil pessoas passaram pelas tendas de atendimento instaladas no Vale do Anhangabaú, região central de São Paulo, e tiveram acesso à retirada de documentação pessoal, corte de cabelo, maquiagem, mediram pressão, fizeram exames de diabetes, obesidade ou fizeram cadastramento para procura de emprego.

Segundo Ricardo Patah, presidente da UGT e do Sindicato dos Comerciantes, Mulher ComVida é um evento de inclusão social que visa, princi-



palmente, atender mulheres em situação de rua ou de vulnerabilidade e seus familiares.

Gilberto Kassab, ex-prefeito de São Paulo, esteve no evento e lembrou que é fundamental que sindicatos e centrais sindicais cultivem o espírito corporativo além da relação patrão e empregado, atendendo a população e praticando atos de cidadania. “É um evento democrático que a UGT e o Sindicato buscam para que suas ações sejam referências para todas as outras entidades brasileiras”, diz.

O centro velho de São Paulo ficou pequeno diante do número de pessoas que participaram das atividades de ações sociais, lazer e diversão que a UGT e o Sindicato dos Comerciantes promoveram em homenagem ao mês das mulheres

No domingo, um mega show com consagrados artistas da música popular brasileira animou a população que compareceu e fez com que as pessoas presen-

tes se conscientizassem sobre os problemas e as dificuldades vividas pelas mulheres no Brasil.

A cantora Negra Li resumiu o evento Mulher ComVida como uma oportunidade de reflexão em relação aos problemas sociais que vivem as mulheres e que, muitas vezes, passam despercebidos. “Essa ação promovida pelo Sindicato e pela UGT é fundamental porque no Brasil ainda existem muitas pessoas extremamente pobres e sem direito à educação, então acho que nós precisamos nos



Corte de cabelo, maquiagem, exames de diabetes, obesidade, cadastramento para procura de emprego, foram os serviços, entre outros, oferecidos à população. No domingo, um mega show com artistas consagrados como, Negra Li, Vitor e Léo.



mobilizar para ajudar essas pessoas.” Patah ressaltou que Mulher ComVida será uma ação permanente das entidades. “Esta é uma ação para incluir, principalmente, as mulheres que estão à margem da sociedade e fazer com que os homens reflitam sobre todos os problemas que atingem as mulheres dentro e fora de seus lares.”

FRANCO DA ROCHA

O Sindicato dos Empregados no Comércio de Franco da Rocha e Região comemorou o Dia Internacional das Mulheres, 08 de março, com a entrega de 1500 rosas a comerciantes da região, assim como a entrega de cartilhas sobre a Lei Maria da Penha.

ações UGETISTAS PELO BRASIL



Em todos os Estados da federação onde a UGT tem representatividade aconteceram ações em homenagem às mulheres e em apoio, incondicional, às bandeiras de luta femininas que buscam uma sociedade mais justa, igualitária e livre de qualquer tipo de preconceito, discriminação ou violência.

Confira a atuação em alguns Estados:

Rio de Janeiro

Na Cidade Maravilhosa, a UGT fez uma manifestação pelo fim da violência doméstica e por melhores condições de vida e trabalho na estação Ferroviária Central do Brasil. Por meio da Secretaria da Mulher e Diversidade Humana foi comemorado, além do Dia Internacional das Mulheres, também o Dia Internacional de Luta contra a Discriminação Racial, 21 de março.

Espírito Santo

Em parceria com a ONG “Ana Carolina”, criada por conta de uma jovem que foi assassinada pelo namorado, a UGT distribuiu na Praça Jerônimo Monteiro, centro da cidade de Cachoeira, folders de conscientização e exemplares da Lei Maria da Penha.

Minas Gerais

A UGT-MG comemorou a data com envio de rosas, em especial para as mulheres que são trabalhadoras e dirigentes sindicais das entidades filiadas, pois este ainda é um universo masculino, mas que vem a cada dia ganhando um toque cada vez mais lilás em sua luta.

Paraná

Além de comemorar o Dia Internacional das Mulheres, para a UGT-Paraná a data marca a criação da central no Estado. Em 2013 foi celebrado o quinto aniversário da Central com a presença maciça das mulheres militantes e que compõem a direção tanto da Central quanto dos sindicatos filiados.

Amazônia

A UGT-AM promoveu um dia de palestras intitulado II Encontro das Mulheres Trabalhadoras do Estado do Amazonas e panfletou folders com o tema: Igualdade de Gênero, um desafio constante.

Goiás

A UGT-GO, em parceria com o Sindicato dos Bancários de Goiás (SEEB-GO), visitou trabalhadoras de diversas agências bancárias e nos comércios da região, que receberam flores e foram instruídas sobre assédio moral, sexual e violência doméstica.

Tesourinha,



UMA ESCOLA DE PRINCÍPIOS, DE VISÃO, DE BELEZA

Aestética do belo movimenta sonhos, imagem, cuidado e a busca pela perfeição. Para a satisfação dos clientes, os profissionais da beleza precisam atuar com discernimento e conhecimento e por trás disso vem a formação. Com foco na inclusão social e com o objetivo de qualificar, capacitar e formar pessoas para trabalhar no mercado da beleza, nasceu o Projeto Tesourinha.

Estudar e se especializar é imprescindível para o trabalhador crescer em sua área de atuação. Depois de uma temporada no Canadá onde viveu por 8 anos para se aperfeiçoar, o cabeleireiro Ivan Stringhi, ao voltar para o Brasil, percebeu a necessidade de implantar seus conhecimentos na comunidade carente, iniciando, então, o Tesourinha, como forma de despertar a juventude de baixa renda para a realização.

A partir do sonho de Stringhi em transformar a vida das pessoas da comunidade do Jardim Arpoador, o Tesourinha hoje criou ramificações.

Distribuído em 4 unidades - Ibirapuera, Sascecop, Lar das Crianças (Santo Amaro) e Barueri -, já passaram por ele mais de 30 mil profissionais capacitados e qualificados, que encontraram no mercado da beleza sua fonte de renda e um rumo para muitas vidas que pareciam perdidas e outras que tiveram a dignidade despertada por ter uma profissão.

Para o aluno ingressar no Projeto Tesourinha é preciso passar por um processo seletivo feito através de uma entrevista. Por semestre, há uma fila de espera de 3 mil pessoas, das quais apenas 150 são selecionadas. E é nesta triagem que se inicia a filosofia do



DISCIPLINA,
ESTUDO E
ESPECIALIZAÇÃO
SÃO REQUISITOS
BÁSICOS PARA O
SETOR



Ivan Stringhi

Tesourinha, que procura ver o que a pessoa almeja e o valor de ela estar ali, que futuro ela quer.

“A ideia do Tesourinha é mostrar que beleza é um direito de todo mundo. Independentemente de a pessoa ter dinheiro ou não, ela tem que ter qualidade. Eu posso ter o meu salão dentro da comunidade, posso utilizar o produto mais simples possível, porém, com qualidade, eu vou atender você da mesma forma que você estivesse em um salão de um shopping. Isso é muito importante”, frisa Naira de Sousa Santiago, coordenadora do Projeto.

EDUCAR COM VISÃO PARA O MERCADO EMPREENDEDOR

O Projeto Tesourinha ensina a pessoa da maneira tradicional que uma escola técnica ensina. Os alunos saem qualificados e com certificado reconhecido para atuar no mercado de trabalho. “O Tesourinha fez sucesso esses 20 anos, porque a gente sempre trabalhou dentro de uma norma e disciplina. O nosso ensino serve para ONG como para a escola mais cara. Esse aluno pode viajar o mundo todo que ele vai ter condições de trabalhar em qualquer lugar”, garante Ivan Stringhi.

Há uma negociação em andamento com entidades de governo para

que o MEC (Ministério da Educação e Cultura) também venha assinar os certificados da escola. “Precisamos aguardar o final da regulamentação da nossa profissão que ainda está sendo feita de acordo com as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) e Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas empresas)”, informa, ao dar um panorama de luta da categoria.

Para Stringhi, competência e seriedade é o que fazem um bom profissional. E a formação vem da base, com ensino bem orientado e abrangendo os profissionais e alunos da instituição na participação dos lucros também, tornando as unidades sustentáveis.

O mercado da beleza hoje oferece muitas opções fáceis com produtos e equipamentos que fazem a pessoa ficar com o cabelo da moda e movimenta a economia do setor. Mas para ele isso não basta. “Uma escola tem que ensinar. E um bom profissional precisa ter primeiro ética, ela inclui tudo: desde o atendimento até a conversa com o cliente e depois as especializações. Ele precisa conhecer as coisas de fato, estudar muito e estar atualizado, porque tem muito o que aprender. Valorizar seu trabalho e saber dos seus direi-

tos”, explica Stringhi, uma vez que se vê muitos estagiários sendo explorados por grandes salões.

DO TESOURINHA PARA O MUNDO DO TRABALHO

Há o curso de Auxiliar de Cabeleireiro, com duração de 1 ano, dividido em dois módulos: Iniciante e Avançado, também o curso de Design de Sobrancelha, Depilação e Maquiagem, Manicure e Pedicure. Com o tempo sentiram a necessidade de se criar um curso específico para Tranças, que antes era um módulo do Cabelo, o carro-chefe da casa.

A divulgação é feita boca a boca. Para a manutenção da entidade há a colaboração de empresas parceiras que doam material e expõem o produto nas aulas. É cobrada uma taxa dos alunos para cada curso. O custo é de R\$ 80 por módulo. “Tem aluno que colabora, outros que realmente não têm condições. Dos 70% dos alunos, não temos como cobrar. Muitos já vêm por indicação da subprefeitura, de um ciclo de



Naira de Sousa Santiago



"Um sonho que se tornou realidade: após 20 anos de existência, o Projeto Tesourinha é referência de ensino profissionalizante na área de estética e chega a ter, por semestre, uma fila de espera de 3 mil pessoas para 150 vagas"

comunidade, outros chegam indicados por ONGs, pela Fundação Casa, mulheres que estão em reabilitação e acabaram de sair de um regime semiaberto ou através de amigos. Há quem chega por pesquisa de internet ou conhece por estandes de feiras que o Tesourinha participa", conta Naira Santiago.

Todos os professores da escola são ex-alunos. "E isso é muito importante, porque o professor sabe da essência do Tesourinha, das dificuldades. Por exemplo: eu não tenho esse tipo de xampu, então eu vou me virar com aquilo que eu tenho. Deve-se passar a qualidade para o aluno", acrescenta Naira.

É importante, para quem trabalha no Projeto Tesourinha, estar habituado com a realidade, ter uma visão do contexto social, estar atento com o outro e saber respeitar. Muitas pessoas que passam por ali estão à base de medicamentos ou em acompa-

nhamento psicológico. "Fazemos eventos em comunidades, na Fundação Casa, na Cadeia Feminina, bastante evento comunitário para a população de moradores de rua. No Projeto Tesourinha, cada dia é uma rotina diferente. Tem sido muito bom e prazeroso trabalhar aqui", aborda a coordenadora, que está no Tesourinha há três anos, depois de nove anos de atuação numa instituição bancária.

"Quando comecei eu tinha muita dó, eu chorava, hoje vejo como uma obrigação de todos nós passar o nosso conhecimento pra frente e também mudar alguém. É uma oportunidade", argumenta o proprietário, que investiu e acredita na entidade. Nesses anos todos, chegou a colocar dinheiro do próprio bolso para manter o Tesourinha. "A educação pra mim é uma coisa essencial. E a minha dedicação hoje é a educação. Eu atendo os clientes que tenho, mas me dedico à educação", acrescenta.

O Tesourinha hoje é lançador de mão de obra, criando novas oportunidades e também novos conceitos integrados de trabalho. Stringhi, em

sua visão empreendedora, quer aliar o trabalho de cabeleireiro junto ao de maquiador e montar uma espécie de serviço Express, que seja referência de algo rápido e barato, atendendo à demanda da correria do dia a dia, motivando os trabalhadores e movimento de fluxo. "A cliente pode estar na rua e procurar pelo salão para se maquiar antes de ir para o trabalho, arrumar o cabelo e pagar em torno de R\$ 10 pelo serviço. Não tem que marcar hora, chegou, todos



os profissionais serão preparados, atendem, e a pessoa vai embora já arrumada", explica.

Se alguém quer se maquiar para uma festa, pode marcar hora no Projeto Tesourinha, que também funciona como salão. Basta ligar e marcar hora, que a pessoa é atendida por um dos alunos sempre acompanhados de um professor. A tabela é diferenciada do mercado. Para escova e hidratação, por exemplo, o desembolso será de R\$ 20. No caso de um aluno querer uma amiga como modelo, ela traz produto ou algo que a ONG tenha necessidade.

BUSCAS DE SONHOS

Há inúmeras histórias de vidas, desde uma peruana que soube do Tesourinha por uma revista no Peru. Ela largou a família e veio atrás do sonho, depois voltou e abriu um salão no seu País, até casos de sucesso na escola, como de um ex-presidiário que hoje é dono de dois salões.

Tahina Stringhi Ferreira, hoje tem 26 anos, é sobrinha de Stringhi, está há 7 anos trabalhando na escola como professora de assistente de cabeleireiro e no currículo uma história de superação. "Quando eu tinha 10 anos caí de bicicleta, quebrei 3 vértebras da coluna cervical e fiquei um ano paraplégica e os médicos falaram que eu não ia mais voltar a an-

dar. Foi quando comecei a fazer fisioterapia e de repente comecei a sentir minhas pernas e comecei a mover as pernas e voltei a andar. Depois de algum tempo o Ivan me chamou pra trabalhar com ele, por isso eu também tenho uma história de vida", relata Tahine.

Com José do Carmo do Nascimento, conhecido como Tiquinho, a história envolve quebra de preconceito e reinclusão social. Formado no Projeto Tesourinha em 2000, começou o curso por incentivo e persistência de um amigo que estava preocupado em ver Tiquinho margeando as ruas, sem perspectiva de futuro. "Num primeiro momento eu não queria fazer porque eu falava que não era coisa pra homem, tinha preconceito. Antigamente falavam que cabeleireiro era coisa de gay. Aí ele me convidou mais uma vez e eu aceitei", conta.

Formado há mais de 10 anos, hoje é professor da escola e também proprietário de um salão no Rio Pequeno, Zona Oeste de São Paulo. "No Tesourinha aprendi a ser ser humano, eu não tinha dignidade, porque achava que por ter nascido na comunidade não teria condições de ser uma pessoa, de crescer e hoje vejo que não é por aí. Já formei uma média de 700, 800 alunos, desde que estou aqui. Dou cursos tanto em SP como no Brasil todo. Uma forma de estar ajudando as outras pessoas e me ajudando também", relata.

Levava a rotina de um feirante, que acordava às 4h da manhã, chegava em casa no final da tarde, cansado, sem outras ocupações, acabou usando drogas, caiu na bebedeira, sem expectativa de nada. "Era um pinguço, usava droga, ficava igual um louco, perdi minha dignidade. Então

meu amigo falou: faz um curso de cabelo, sai dessa vida. Aí eu cheguei aqui, acabado, com 20 e poucos anos. Tenho hoje 36. E digo, o Projeto Tesourinha me deu dignidade e através dele aprendi muitas coisas: se tu luta, tu conquista", reflete.

Perguntado na época quem era ele, respondeu: "sou a incompreensão do incompreensível que não poderia ser compreendido. Resumindo, ninguém, por mais que você mostre quem é você, as pessoas não sabem por dentro quem de fato você é. Então o que eu estava passando naquele momento, só eu mesmo sabia. Estava preso ao passado", conta Tiquinho, que por mais que as pessoas tentassem ajudá-lo, só conseguiria sair por ele mesmo. E conseguiu, porque, segundo ele, teve fé, oportunidade, soube ouvir as pessoas e acreditaram nele.

Da admiração pelo trabalho do Ivan, Tiquinho pegou o que fazia como modelo, aperfeiçoou para executar além do que aprendeu. "Hoje eu sou muito grato a ele. No começo o Ivan falou que eu tinha mão de pedreiro e eu falava pra ele que não tinha mão de pedreiro e ele falava que não era questão disso. Não queria discutir, ele queria mostrar que para fazer uma escova, cortar um cabelo, eu tinha que estudar, me aperfeiçoar. Aprendi muita coisa. Hoje estou no Projeto como professor e também sou empreendedor. Todos nós passamos por momento de dificuldades, sentimos tristezas, queremos desistir, mas o maior vencedor é aquele que sofre, é aquele que tem experiência. Se você quer algo, tem que buscar dentro de você, a partir do momento que você se encontrou, vai achar algo lá fora", divaga.

SERVIÇO:

Funcionamento: segunda a sexta, com aulas de segunda à quinta. As sextas são voltadas para estágio. www.projetotesourinha.org.br

Salão do Tiquinho:

Tka's Hair - Av. do Rio Pequeno, 1137 - casa 26. Tel: (11) 3765-1841



Conferência de RAÇA E GÊNERO da UGT cria COLETIVO RACIAL e LGBT

Em encontro, Central Sindical traça ações de políticas afirmativas para questões da diversidade

Em comemoração ao Mês da Mulher e aos avanços até aqui conquistados, foi realizada a 1ª Conferência Nacional de Gênero e Raça da União Geral dos Trabalhadores (UGT), em Praia Grande, SP. O evento, que aconteceu entre os dias 04/03 e 05/03, na Colônia de Férias dos Comerciantes, teve como objetivo discutir de que forma serão ocupados os espaços conquistados por anos de lutas pelos negros e mulheres e que a UGT, como central sindical, tem papel importante por impulsionar políticas públicas no combate à desigualdade e também para construir novos padrões de gerações de trabalho.

No encontro, estiveram presentes dirigentes da Central, do governo, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade



Racial (Seppir) e do Instituto pela Igualdade Racial (Inspir) e foram abordados temas referentes à questão de gênero, como política para a elaboração de um documento em prol da promoção da igualdade na agenda de governo e as condições das pessoas no mercado de trabalho. Foi discutida e definida a intervenção na inclusão e

combate à discriminação e ao preconceito.

Para Cássia Bufelli, secretária da Mulher da UGT, o nível da Conferência foi altíssimo. “Tiramos de cada tema as diretrizes que vamos conseguir cumprir. Uma das coisas que avançou, principalmente, foi a inclusão de Gênero e Raça, que já vem no plano nacional de políticas transversais da área, mas que acabou incluindo toda a diversidade: índios, movimento LGBT, que são políticas que nem aparecem. Foi também aprovada a criação desse Coletivo de Raça da UGT”, comemora a dirigente.

“Com essa abrangência, pudemos criar, além do Coletivo Ético Racial, também o Coletivo LGBT. O evento foi muito importante para que os estados também possam desenvolver ações afirmativas, principalmente para que eles possam realizar inserções de cláusulas da diversidade nos acordos das convenções coletivas. Com essa Conferência, as bandeiras de luta da UGT, na questão da diversidade humana, serão implementadas por seus secretários estaduais, em seus respectivos estados. Uma conquista pioneira da Central Sindical UGT”, destaca a secretária nacional da Diversidade da UGT, Ana Cristina Duarte.

O desenvolvimento do trabalho foi distribuído em 4 mesas: “Discriminação no mercado de trabalho”; “Empoderamento em todos os espaços: político, socioeconômico e do trabalho”; “Ratificação da Convenção 189 da OIT (regulamentação do trabalho doméstico)” e o “Enfrentamento a todas as formas de violência contra a mulher”.

A Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, representada por Silvana Zuccolotto, prestou homenagem à iniciativa desenvolvida pelas Secretarias da Mulher e da Diversidade da UGT, por tratar a igualdade entre mulheres e homens em todas as esferas, principalmente no

mundo do trabalho em suas várias vertentes: estimulando e provocando a capacitação, formações de lideranças e projetos de leis.

Netinho de Paula, na condição de secretário da Promoção da Igualdade Racial do prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, representou a recém-criada pasta da prefeitura nessa 1ª Conferência da UGT. “Há dez anos a questão racial tem conseguido destaque e sido bastante debatida. Mas na questão do trabalho temos que avançar e a UGT sai na frente. O prefeito eleito Haddad, resolveu implantar a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial. A UGT, na batalha política, tem ações edificadas e pessoas que a Secretaria quer somar a essa Conferência, para que essas lideranças políticas possam dar voz e outras coordenadorias possam chegar à Secretaria da Promoção da Igualdade Racial”, enaltece.

Cláudia Rejane, que representou Denise Mota, da Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres de São Paulo, apontou a importância para discutir duas intervenções que estão em pauta para serem colocadas na agenda de governo: inclusão social e o combate à discriminação e ao preconceito. E dentro dessas desigualdades, especificidades de cada tema, como o caso das domésticas, que a prefeitura quer se voltar com muita atenção.

“É de fundamental importância que uma central sindical se debruce a discutir questão de Raça e de Gênero porque são duas questões fundamentais que determinam de forma importante a inclusão das pessoas no mercado de trabalho. São duas dimensões que reforçam padrões de desigualdade que pretendemos superar e esse passo que a UGT tem dado é super importante. Trabalho que viemos desenvolvendo e esperamos a participação e pressão do movimento sindical para fazer avançar as políticas públicas e que isso tudo se viabilize”, destaca Cláudia Rejane.



Netinho de Paula, secretário da Promoção da Igualdade Racial, do prefeito Fernando Haddad, esteve no evento, representando a recém-criada pasta da prefeitura

Para Cássia Bufelli, essa Conferência é um marco na criação e história da UGT. Na realização desse encontro, pensamos não apenas pautar os temas de luta, mas principalmente aplicar uma metodologia de criar aqui quais as políticas afirmativas que a UGT tem de Gênero e Raça: dar soluções para os problemas que são fundamentais, como no mercado de trabalho. “Além de a gente continuar trabalhando pela aprovação da Convenção 189, na Constituição, vamos lutar para a formação dos sindicatos de trabalhadores domésticos, com incentivo da UGT. Batalhar a assinatura da Convenção como primeiro passo para o fim da escravidão moderna”, acrescenta Cássia.

Chiquinho Pereira, secretário de Organização e Políticas Sindicais da Central, que esteve no encontro representando o presidente nacional da UGT, Ricardo Patah, mostrou que a Central tem por obrigação e foi constituída para que em sua fileira de lutas, essa figure no primeiro plano. “Temos que sair do campo da lamentação, precisamos ir para o enfrentamento. Hoje temos condições de arcar com essa luta de forma

efetiva. Nosso papel de central é brigar e lutar. Atentar para a condição da mulher a partir do que acontece em casa. Na construção de uma sociedade melhor, com valores e respeito. Se não existir homens e mulheres felizes, não existirá sociedade feliz. Vamos lutar!", convoca Chiquinho, ao dizer que as pessoas precisam ter esperança.

"Na relação enfrentamento saíram várias propostas, que serão bandeiras de luta da UGT: emparelhamento das delegacias abertas por todos os dias da semana, casas de abrigo às vítimas de violência e também pessoas especializadas no encaminhamento da mulher com violência. Vamos fazer campanhas para reforçar o disque-denúncia (180). Será um compromisso da UGT com os sindicatos filiados. Ter este apoio da base é fundamental", enfatiza a secretária da Mulher da UGT.

O encontro foi muito oportuno para que Ana Cristina Duarte tivesse conhecimento dos secretários estaduais da pasta que por lá estiveram. Ana Cristina agradece ao presidente Patah e companheira Cássia pela iniciativa em parceria com a sua secretaria. "O objetivo da Conferência foi que todos os sindicalistas pudessem construir um documento básico com cláusulas antidiscriminativas e as que saíram no decorrer do trabalho", pontuou.

Há um texto base no Congresso que estabelece a década do afrodescendente, um período que segundo a secretária da Diversidade da UGT, serviu para pautar a questão racial. Lembrou também que teremos o Ano da Conferência Nacional de Promoção da Diversidade Humana, uma conferência de todo o movimento social, com a participação do movimento sindical, como imprescindível.

Eunice Léa, gerente de Projetos de Políticas Afirmativas do Seppir, lembrou o aniversário de 10 anos do instituto neste mês de março junto à Política de Condições de Igualdade,

que também completa neste ano uma década, congratulando a UGT, em nome da ministra Luiza Bairros, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, pelo momento oportuno da Conferência, dos avanços dos movimentos sócias, de trabalhadores e do governo na questão das cotas e políticas de igualdade.

"Embora o racismo ainda seja muito presente, racismo e sexismo são dois fatos ainda existentes e que fazem com que a desigualdade social aumente cada vez mais. A portaria de quesito racial foi um avanço no governo e peço a fiscalização dessa central para esta portaria. Também queremos aprovar o concurso público com cotas. Precisamos ter mais organismos de Promoção da Igualdade Racial em todos os Estados", completa Eunice Léa.

Com o apoio do Instituto de Altos Estudos da UGT e Dieese, foi possível a construção do plano. "O plano ficou excelente e é viável a aplicabilidade na próxima plenária que deve acontecer em abril. Vamos apresentar como passo de encaminhamento. Vamos ter a Política Nacional de Diversidade, Gênero e Raça da UGT. Só haverá sociedade igualitária se fizermos essa construção juntos. É importante a contribuição de cada um para que se faça a diferença e assim ter um mundo melhor para viver. Esse mês de março é momento de se fazer uma reflexão: qual o meu papel no lugar de decisões? Conquistamos esses espaços? Que instrumentos precisamos para viabilizar?", levanta a questão a dirigente Cássia.

Cleonice Caetano Souza, secretária de Saúde e Segurança no Trabalho da UGT, lembra que quando se fala das mulheres negras, da sexualidade, sabe-se que a dificuldade é muito maior e o movimento sindical tem que estar presente, sair com propostas. "Com essa iniciativa vamos

conseguir concretizar por todo o País. Vamos aprender uns com outros. Precisávamos dessa oportunidade. Sucesso é o nosso nome e não podemos fazer diferente a partir dessa 1ª Conferência", enfatiza.

O secretário de Políticas Públicas da UGT e também secretário da Coordenadora Geral das Centrais Sindicais do Cone Sul, Valdir Vicente, reforça que esse é um programa não só das companheiras, da raça negra, mas que o movimento sindical nunca se preocupou que em sua chefia não tivesse um negro. "Há pouco tempo criamos o Inspir, porque o sindicalismo deve discutir isso. E hoje nos reunimos para discutir a questão da Igualdade Racial, porque antes não era considerada luta do movimento sindical."

O vice-presidente da UGT, Antonio Salim dos Reis, colocou como necessária não apenas a inclusão, mas a atenção com diferença ainda existente da questão salarial e a importância da qualificação profissional.

Ainda na pauta de compromissos: campanha pela escola integral, como instrumento da mulher no mercado de trabalho, o que inclui a luta pelas creches, a questão da formação, o incentivo nas atividades sindicais, de as mulheres irem para a mesa negociadora. "Nossa proposta é montar uma política unificada e encaminhar para todos os sindicatos filiados, unificando ainda mais a UGT", frisa Cássia.

Valdir Vicente lembrou que a Coordenadora tem um programa efetivo das mulheres em seus vários grupos de trabalho, entre eles, o trabalho infantil, escravo, imigrantes e a questão específica das mulheres. "A maior parceria é com a ONU mulheres, onde serão apresentadas ações para a mulher em 2013. A violência contra a mulher tem que ter sua luta aprofundada. Temos que tomar providência e que possamos tomar a frente masculina contra essa violência à mulher", defende.



ROBERTO SANTIAGO:

O defensor influente dos trabalhadores

Comerciante, sindicalista e juiz são as profissões do deputado Roberto Santiago (PSD-SP), que, dentre outros cargos, ocupa a vice-presidência da União Geral dos Trabalhadores (UGT). Santiago também já ocupou a presidência da Fundacentro, a superintendência do INSS/SP e a incumbência de Conselheiro do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

Santiago foi indicado pela 5ª vez consecutiva como um dos "Cabeças do Congresso 2012", segundo pesquisas realizadas pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP), que o integrou, ainda, à lista dos 100 parlamentares mais influentes do País. No final de 2012, recebeu também o prêmio Cebrasse do Setor de Serviços, na categoria "Parlamentar, ações pelo empreendedorismo brasileiro".

PROJETOS

Obteve êxito em sua relatoria do projeto que estabeleceu a política de valorização do salário

mínimo de 2008 a 2023 e de outras proposições que tratam do plano de carreira dos servidores públicos. Sua luta atual é pela redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, pelo fim do fator previdenciário e pela regulamentação da profissão de motoboys.

Em relação à categoria dos motoboys, Santiago, juntamente com o presidente da UGT, Ricardo Patah, e



No Palácio do Planalto, com a presidenta Dilma Rousseff, Roberto Santiago esteve ao lado de Ricardo Patah, Cássia Buffelli, Chiquinho Pereira, Roberto de Lucena e Ademir Camilo, na luta ugetista pela regulamentação da profissão de motoboys.

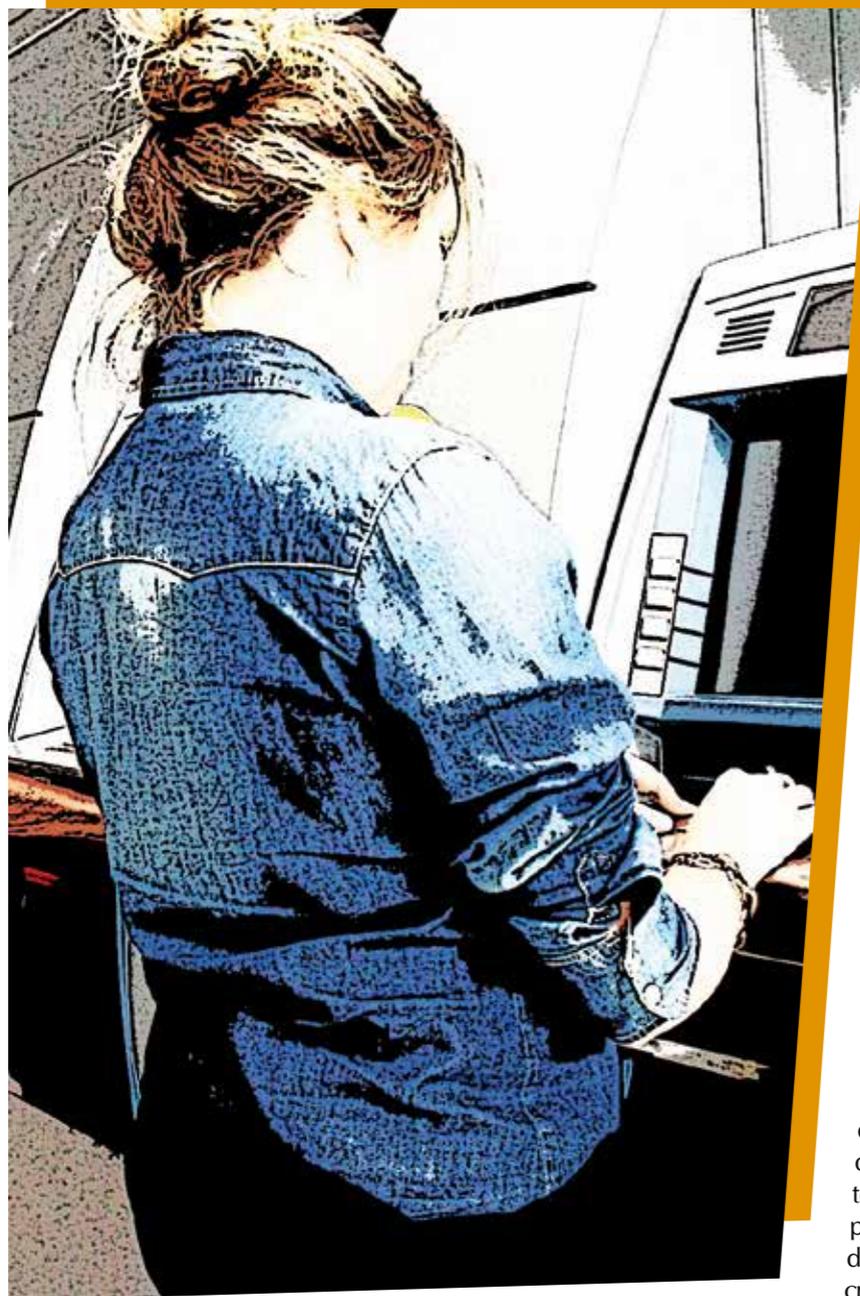
o deputado Ademir Camilo (PSD-MG), estiveram reunidos com a presidenta Dilma Rousseff, onde puderam expor as dificuldades enfrentadas por esses profissionais e cobrar a regulamentação. "A presidenta viu com muito bons olhos e disse que vai criar uma comissão de trabalho para que se tome providências para uma regulamentação efetiva destes trabalhadores, e que esta possa sair".

Dentre outros temas, os ugetistas solicitaram a presidenta a sanção do projeto que regulamenta a profissão de comerciante e a possível desoneração do setor, e a regulamentação da Convenção 151 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que trata da negociação coletiva no serviço público. No último dia 6 de março, a presidenta Dilma Rousseff acatou o pedido da UGT e não só analisou como também promulgou, por meio do Decreto de número 7.944, a urgência em se regulamentar a Convenção 151.

O mês de março foi considerado um marco histórico para o sindicalismo brasileiro, pois além da 7ª Marcha pelo Desenvolvimento, Cidadania e Valorização do Trabalho, que reuniu mais de 50 mil trabalhadores de todo o país, em Brasília, conquistou o objetivo de pressionar o governo para que as reivindicações das centrais sindicais sejam atendidas. Roberto Santiago foi eleito, por unanimidade, presidente da Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público (CTASP) da Câmara. "Nós temos a terceira maior central sindical do Brasil, que é a UGT, no comando do trabalho na Câmara dos Deputados. Esse é o grande processo, é a grande estratégia, a grande inteligência para dizer a todos aqueles que estão dentro dos movimentos sociais que o debate nacional das questões trabalhistas passa pelo PSD e pela UGT", disse Santiago.

AUTOMAÇÃO

traz o fantasma do desemprego



Automação e ganância dos banqueiros. Essa dupla vem causando dores de cabeça para grande número de trabalhadores do setor bancário, que acabam sendo lançados para o abismo do desemprego. Para o presidente do Sindicato dos Bancários de Franca e Região, Edson Roberto dos Santos, que também responde pela Secretaria para Assuntos de Finanças e Crédito da União Geral dos Trabalhadores – UGT, nos últimos anos, “os efeitos da indiscriminada automação bancária na vida dos trabalhadores, bem como dos clientes bancários, foram avassaladores”.

Edson enfatiza que “o desejo ardente, incontrolável e ilimitado das instituições financeiras em busca de lucro cada vez maior fez com que a automação fosse, cada vez mais, implementada sem qualquer preocupação com os bancários nem com os clientes. A máquina usada exclusivamente a serviço de gerar lucros e lucros exterminou de forma facínora milhares de postos de serviços. Coibiu indiscriminadamente o acesso dos clientes às agências bancárias e fez com que os mesmos passassem a trabalhar para os bancos de forma gratuita à custa de muitos empregos de mães e pais de família”.

O secretário para Assuntos de Finanças e Crédito acredita que, não a automação somente mas, sobretudo, a forma e uso dela no segmento bancário trouxe prejuízos irreparáveis à sociedade como um todo, em contrapartida, gerando lucros incomensuráveis para os proprietários do ramo.

“O esclarecimento, a discórdia e posição contrária a tudo isso certamente é bandeira de nossa UGT e deve ser também de toda entidade que luta pelo direito dos cidadãos”, finalizou o secretário.



Edson Roberto dos Santos

Você trabalhou quanto tempo no banco?

Dez anos.

Quais funções que exerceu durante este período?

Exerci muitas funções. Comecei como auxiliar de autoatendimento, depois fui para o caixa, fiz atendimento de mesa e balcão, abertura e formalização de contas correntes, cobrança, fui responsável pelas contas contábeis da agência, tesouraria, fui back up do gerente administrativo enquanto Uni-banco e meu último cargo foi chefe de serviços bancários após a incorporação pelo banco Itaú. Em ambas as instituições eu era a substituta do gerente administrativo em suas ausências.

À época da sua demissão, qual função você desempenhava?

Chefe de Serviços Bancários.

Como se deu a sua demissão?

Da noite para o dia! Eu e o gerente operacional desconfiávamos que alguém seria demitido, pois o diretor já havia comentado anteriormente em outras oportunidades que o quadro de funcionários estava acima do porte da agência. Então imaginamos que o corte seria de um caixa e não de chefe de serviços, que era funcionário único nas agências e de muita importância.

A decisão da minha demissão foi tomada apenas pelo diretor, foi feita por telefone, não foi comunicada com antecedência ao meu gestor imediato, que era o gerente operacional e ele nem sequer pediu a opinião do meu gestor. Ele me fez trabalhar o dia todo (neste dia encerrei meu expediente às 19 horas) e só após eu bater meu ponto de saída que fui comunicada que no dia seguinte eu não precisava ir mais, pois estava demitida!

Foi tudo muito frio!

Dez anos de total dedicação à empresa encerrados “do nada”.

Meu gestor imediato tentou interpelar



UMA DAS VÍTIMAS DESTA PROCESSO DE “DESUMANIZAÇÃO” DO ATENDIMENTO BANCÁRIO FOI ALINE MOSCARDINI SILVA COSTA, QUE, APÓS DEZ ANOS DE DEDICAÇÃO, FOI DEMITIDA, DA NOITE PARA O DIA”

tal decisão do diretor. Disse que gostava do meu trabalho e que não era de acordo com a minha saída, mas de nada adiantou. O diretor ainda falou ao telefone: “É para mandar ela embora. Se você não fizer, amanhã eu vou aí e demito você e ela”. Eu era uma funcionária que nunca faltei no emprego. Cumpria com minhas obrigações, tinha ótimo relacionamento com os funcionários das demais áreas, enfim, não houve nenhum motivo forte ou específico para minha demissão.

O Banco chegou a lhe oferecer algum curso de capacitação?

O banco me deu uma verba para eu aplicar em qualquer curso de reciclagem profissional (curso e instituição a escolher). Então eu apliquei com um curso preparatório para concursos públicos. Mas sei que

esta verba é uma conquista do movimento sindical para todo bancário, prevista na Convenção Coletiva.

O Banco apresentou alguma proposta de redirecionamento para outro setor antes da sua demissão?

Nenhuma! Aliás, na agência em que eu estava tinha uma vaga de assistente no segmento Pessoa Jurídica, mas ninguém se deu ao trabalho de me realocar. E também nas outras agências da cidade havia funcionários já aposentados ainda trabalhando e mesmo assim optaram por mim.

Havia algum tipo de pressão no ambiente de trabalho? Se a resposta for positiva, a pressão era por qual motivo?

Sim. Pressão para não perder a papelita (método que mede o tempo do cliente na fila), grande pressão para bater as metas de vendas que eram totalmente abusivas, pressão para não fazer hora extra, mas a maior pressão era, com certeza, em relação às metas de vendas.

Na sua opinião, qual a influência da automação bancária na sua demissão?

Teve um peso grande, sim. Para vocês terem uma ideia, quando comecei a trabalhar no banco chegamos a ser uma equipe de quinze funcionários na área administrativa. Hoje, esta mesma agência opera com apenas quatro funcionários.

Com certeza a automação bancária vem proporcionando grandes avanços e economia para os bancos, mas, ao mesmo tempo, isso tira o emprego de muita gente boa e capacitada que os bancos possuem.

Mas, apesar de toda essa revolução tecnológica que as instituições bancárias vêm aplicando, ao meu ver, nada substitui o CAPITAL HUMANO, que acredito que ainda é o principal sucesso dos bancos!

O BRASIL NÃO PODE MAIS SER CONIVENTE COM A VIOLÊNCIA

Trabalhadores e trabalhadoras sofrem com os casos que só fazem crescer nas grandes cidades

Vivendo em cidades sitiadas! Assim é como se sentem cidadãos e cidadãs que residem nas grandes capitais brasileiras que, com o passar dos tempos, estão nas mãos de pessoas que a cada dia se apoderam de armas cada vez mais potentes e com poder de destruição maior. A mesma tecnologia bélica que aparelha as forças estaduais no combate à criminalidade, também está ao alcance de bandidos que aterrorizam, assaltam, matam e nesse fogo cruzado, a população desprotegida sofre as consequências.

A violência, que é a manifestação da tirania, do abuso de poder e da opressão, é um conjunto de fatores sociais que tem como agravante a falta de estrutura familiar, o alcoolismo, consumo e tráfico de drogas e a fraca educação básica brasileira que, conseqüentemente, se estende pela formação profissional, o que resulta em baixos salários.

Cada vez mais, empresas multinacionais e empresários de pequeno, médio ou grande porte, para suprir a falta de mão de obra adequada buscam profissionais em outros países, contudo, a política brasileira de incentivo ao consumo material, como forma de aquecer a economia

nacional e crescimento do mercado interno é incansável e voraz.

Fatores como esse, somados a índole nefasta de algumas pessoas fazem com que essas atentem não só contra a sociedade, mas também contra a população que nela vive.

Nas capitais brasileiras e nos inte-

riores proliferam "Cracolândia". São rotineiros os veículos de comunicação de massa noticiarem casos de explosão a caixas eletrônicos, quadrilhas que fortemente armadas sequestram policiais em pequenas cidades para roubar bancos ou chacinas. Diante do crescimento dos fatos

e da modernização na prática dos delitos, para a população, a impressão que fica é que todos os esforços são em vão no combate a esse "câncer social".

Os estados buscam enfrentar a criminalidade de diversas maneiras, mas bandidos costumam usar a própria

estrutura da sociedade para praticar seus crimes e tentar não deixar rastros. É o caso daqueles que se travestem com fardas ou se valem de seus cargos para tirar vantagem pessoal.

Os dados apresentados em fevereiro pela Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (SSP) demonstram que

a mais rica cidade brasileira apresentou um crescimento considerável nos índices de criminalidade. Somente no primeiro mês de 2013, houve 17% mais casos de homicídio, em relação ao mesmo período de 2012.

Em todo o ano passado foram registrados 345 casos de homicídio e latrocínio (roubo seguido de morte), dados superiores se comparados aos dados de 2011. Esses números só se confrontam com o período de 12 a 20 de maio de 2006, em que foram registradas 493 mortes na capital por conta de uma guerra entre a SSP e o Primeiro Comanado da Capital (PCC), que nasceu nos presídios após o Massacre do Carandiru de 1992, visando evitar futuras mortandades nas cadeias.

No confronto entre polícia e bandido, o que mais chama a atenção é que as cerca de 600 vítimas totais da "I Guerra do PCC", em 2006, 70% apresentavam tiros à queima roupa, de cima para baixo e nas regiões do tórax ou na cabeça, o que indicia execução.

No final de maio passado, quando uma ação da ROTA (Rondas Ostensivas Tobias Aguiar), elite da Polícia Militar paulista, matou seis pessoas e prendeu outras três, supostas integrantes do PCC, uma nova guerra se instalou na cidade.

Desta vez, 93% das mortes ocorridas aconteceram fora do centro expandido da capital e praticamente da mesma forma com homens encapuzados, usando motos sem placa ou carros com vidros escuros e atirando aleatoriamente em grupos de pessoas.

Na ocasião, o ex-chefe da Polícia Civil Paulista, Marcos Carneiro Lima, admitiu publicamente que várias das vítimas civis tiveram suas fichas criminais levantadas antes de serem executadas, o que leva a suspeita de premeditação.

Com essa afirmação, Antônio Ferreira Pinto, então secretário de Segurança Pública, pediu exoneração e

no seu lugar foi anunciado o ex-procurador geral da Justiça, Fernando Grella Vieira, que tomou posse em novembro que, como ressaltou em seu discurso de posse, é preciso conciliar as ações contra o crime respeitando os direitos humanos.

É um grande desafio para Fernando Grella, uma vez que entra secretário ou sai secretário pouco ou quase nada se muda efetivamente em relação às políticas de segurança pública para a população.

O crescimento exacerbado da violência que vem atingindo, diretamente, homens e mulheres de todas as faixas etárias, mas principalmente jovens pobres ou negros entre 15 e

30 anos e a baixa fecundidade (número de filhos), já refletem nos dados apresentados pelo senso do IBGE de 2010, que apontam que o Brasil tende a se tornar um País de idosos.

Por esse motivo a União Geral dos Trabalhadores (UGT), como entidade da sociedade civil vem, desde seu nascimento, desenvolvendo trabalhos voltados à educação, formação profissional, inclusão social e desenvolvimento do País. Contudo, a partir de 2013, fortalecerá ações voltadas para a segurança pública, visando a ampliação das discussões do tema com a sociedade e buscando construir propostas que melhorem a qualidade de vida da população.

GUERRA É GUERRA

Um policial militar de São Paulo falou sobre os confrontos entre polícia e bandido e como fica a população nessa história. "Como policial tenho que ter o maior cuidado com a integridade física do bandido, depois com o Paisano (identificação para civis) e por último com os policiais. É totalmente uma inversão de valores".

São Paulo vive um aumento de violência. O que você viu nesse período?

Esta é uma guerra declarada e isso não tem fim. Talvez na Secretaria não soubessem do que iria acontecer em 2006, mas desta vez eles já sabiam, pois começaram a morrer policiais e a informação que chegou a nós é que eram casos isolados, isso foi mentira! Meses antes, em uma abordagem de rotina já tinham apreendido em poder de bandidos uma lista com dados pessoais de vários policiais, mas a ordem superior foi de que esse documento não poderia vir a público e ele foi destruído. Contudo, alguns policiais passaram a ligar para os telefones e avisar os colegas.

Na grande mídia, o comando geral afirmou que as abordagens sufocaram as ações criminosas, mas não foi só isso. Já faz tempo que as ações do PCC são monitoradas. Conhecemos os caras e onde moram, só não prendemos porque às vezes não há flagrante nem busca, contudo sabemos que ele está envolvido em algum esquema. Na região onde trabalho, tem gente que mora em barraco e que não tem como justificar renda, mas desfila de Captiva ou de motos tipo RR e Hoornet. Só não é feito nada de imediato porque a documentação do veículo esta em dia e ele ainda está pagando o financiamento.

Nessa explosão de violência, mortes foram atribuídas a grupos de extermínio compostos por policiais, civis e militares...

Realmente muitas das ocorrências foram praticadas por policiais. Teve até policial que usou a desculpa do PCC para acertar contas com outro policial. Mas normalmente a ação acontece da mesma forma, usando carros com vidro fumê ou o chamado 'Motoqueiro Fantasma'. Uma moto fria, com garupa, armas e munições

frias, toca ninja e luva. Da forma que fazem nem é preciso se preocupar em recolher as cápsulas.

Faz tempo que isso acontece?

Faz sim. Muito tempo!



A VIOLÊNCIA NA CASA UGETISTA

Em janeiro, a violência que assola a cidade de São Paulo foi cruel ao atingir diretamente a UGT. Na virada de ano, durante as férias coletivas dos colaboradores, o prédio sofreu um assalto. Na ocasião, somente bens materiais foram levados.

Contudo, uma semana depois o funcionário Guilherme Alves do Nascimento, 26 anos, designer gráfico da Central, foi brutalmente assassinado em Santana, quando saía de uma confraternização com amigos.

Na semana fatídica, uma caminhada pela paz intitulada "A impunidade começa com o silêncio" foi organizada por amigos e parentes e contou com a presença de



companheiros de trabalho e militantes de diversos sindicatos filiados à UGT.

Durante o ato, Canindé Pegado, Secretário Geral da UGT, ressaltou que a morte do Guilherme trouxe para dentro da Central o lado mais sombrio da violência e que é preciso realizar, ao longo de 2013, ações que culminem com propostas de fortalecimento de segurança pública em diversos estados brasileiros.



A esquerda, Canindé Pegado, Secretário Geral da UGT. Ao lado, caminhada pela paz.

POR MUDANÇAS NO CÓDIGO PENAL

Mãe e com a dor insuperável da perda de seu filho Ives Ota, assassinado em 1997, Keiko Ota, deputada federal luta para que haja mudanças no Código Penal.

"Quando eu lancei a frente parlamentar em defesa das vítimas de violência cheguei ao Presidente do Senado José Sarney e entreguei uma carta aberta solicitando a mudança no Código Penal, um clamor de todas as vítimas. Para nossa felicidade ele já tinha essa intenção e em um mês ele instituiu uma comissão de 16 juristas para analisar o nosso Código, que é de 1940 e que não atende mais o comportamento dos indivíduos na sociedade", diz.

Reconhecendo que já acontece-

ram avanços em vários temas, menos nem relação às questões que reprimem os crimes contra a vida, a deputada, juntamente com a União em Defesa das Vítimas de Violência (DVV), a qual preside, está coletando assinaturas para que haja mudanças em quatro itens:

- AUMENTO DO PERÍODO MÁXIMO DE PRISÃO DE 30 PARA 50 ANOS;
- AUMENTO PARA PENA MÍNIMA PARA O CRIME DE HOMICÍDIO SIMPLES DE 06 PARA 10 ANOS;
- ELEVAÇÃO DE TEMPO PARA PROGRESSÃO DE PENA;
- E A VOLTA DO EXAME CRIMINOLÓGICO PARA A CONCESSÃO DE BENEFÍCIOS PENAIS.



"Eu apoio a mobilização que os jovens estão organizando, por meio das redes sociais, pela redução da maioria penal. São cidadãos comuns que estão clamando por mudanças na lei para que haja mais rigidez no combate e punição da violência praticada por menores."

Roberto de Lucena, deputado federal e vice-presidente da UGT

ESTA RUA TEM SAÍDA?

Antes de responder esta questão, é importante saber quais são os motivos que levam as pessoas a viverem nas ruas



Morar na rua não é uma opção. As pessoas são levadas a esta situação por sofrerem uma sucessão de perdas. Ficam sem trabalho, perdem o contato com a família por conta de conflitos diversos, problemas de saúde, envolvimento com drogas e álcool. Ficam sem bagagem e documentos. Até não terem mais autoestima.

Uma vez que estão nas ruas, as dificuldades costumam ficar ainda maiores. Alguns conseguem fazer "bicos" ou vender latinhas e outros recicláveis, conseguindo uns poucos trocados para comer e beber. Mas há, também, uma grande quantidade de gente com a saúde física ou mental comprometida, impedindo que busquem outros meios de sobrevivência.

Os problemas nas ruas são muitos. Além daquilo que todos nós podemos ver, que é a falta de teto, parede e alimento, quem mora na rua não tem banheiro, endereço, privacidade, pertences pessoais, documentos. Sofre com as mudanças climáticas, ofensas ou indiferenças dos passantes, com a fome, a violência, a invisibilidade.

Não existem fórmulas prontas ou medidas mágicas que façam com que a pessoa deixe de morar nas ruas. Assim como são diferentes os motivos que levam alguém a usar a rua como espaço de sobrevivência e moradia. As ações necessárias para que saiam das ruas também precisam ser diferentes. Embora seja utópico pensar que todos terão condições de mudar a vida, é preciso empreender esforços, na certeza de que algumas pessoas podem abrir as portas da própria vida para uma nova realidade.

Então, a resposta para a pergunta inicial é sim, muitas pessoas conseguem sair das ruas. Recuperam a autoestima, conseguem manter a própria casa e conquistaram trabalho para se sustentar e reconstruir suas vidas.

Mas as ferramentas de incentivo precisam ser criativas e respeitar, acima de tudo, o ser humano. "Todo o processo que contribui para que a pessoa consiga sair das ruas precisa respeitar os processos individuais. Como indivíduos, cada um de nós tem seu tempo e suas necessidades, com quem mora nas ruas não é diferente", afirma Regina Maria Manoel, da Organização de Auxílio Fraternal, que trabalha há mais de 30 anos com a população de rua.

Para Regina, as organizações que atuam na defesa e na qualidade do trabalhador, como os sindicatos e as centrais sindicais, podem contribuir significativamente para que menos pessoas percam seus empregos e passem a morar nas ruas. Ela enfatiza a importância das lutas que garantem

o trabalho decente, a redução da jornada, a remuneração ajustada ao custo de vida do trabalhador, o acesso ao lazer e ao esporte e outras medidas que permeiam a vida da sociedade,

como forma de prevenção. Pois o estresse e os conflitos cotidianos somados aos problemas ligados ao trabalho são fatores predominantes na vida das pessoas para as ruas.

DEPOIMENTOS

Gleidston Nunes Hitzschky



"Faço 54 anos no dia 18 de abril. Meu presente vai ser poder tirar férias remuneradas, as primeiras da minha vida"

Apesar do pomposo sobrenome alemão, Gleidston nasceu no Ceará e veio com a família para São Paulo, ainda pequeno, em busca de melhores oportunidades.

Sempre trabalhou como camelô no centro de São Paulo. Abandonou a esposa e as duas filhas quando elas ainda eram pequenas, história que repetiu, emocionado, muitas vezes. Em 2010, Gleidston foi preso na fronteira com o Paraguai porque estava comprando "muamba". Perdeu a esposa, a mãe e o pai enquanto esteve na cadeia. Saiu dois anos depois e voltou para São Paulo com o dinheiro que juntou trabalhando em algumas oficinas da penitenciária.

Chegando no Largo da Concórdia, no Brás, se surpreendeu com as mudanças e não encontrou nenhum conhecido, mas não quis procurar a família porque "não queria atrapalhar a vida de ninguém, não achei justo porque eu não procurei ninguém quando estava fazendo minhas coisas erradas".

Um amigo que trabalhava num hotel da região deixou que ele ficasse hospedado

uns dias, "eu estava paralisado, não conseguia fazer nada, passei uma semana trancafiado no quarto porque não sabia o que fazer, eu precisava de ajuda". Um dia procurou o serviço penitenciário, iniciou um tratamento psicológico e foi para um albergue, onde ficou alguns meses enquanto fazia alguns "bicos".

Depois, se mudou para um Hotel Social e conseguiu um trabalho no ramo de hotelaria, mas não pôde ser registrado por conta dos antecedentes criminais. Ele relata que foi mais um período difícil, mas depois de se apresentar frequentemente ao juiz, cumpriu sua pena. "Hoje não devo mais nada nem para a justiça nem para ninguém".

Hoje, Gleidston trabalha como faxineiro num condomínio em Moema, continua fazendo acompanhamento psicológico e tratando de uma cirrose hepática. "Estou muito melhor, mas ainda estou num processo, quero ficar bem, aos 53 anos eu vou ter as primeiras férias da minha vida. Estou juntando um dinheiro e quando terminar meus tratamentos vou tomar coragem e procurar minhas filhas, pedir desculpas por abandoná-las... Elas devem ter sofrido muito [seus olhos se enchem de lágrimas]. E quando eu tiver a minha casa elas vão poder me visitar e trazer meus netos".

Françóis Lemos de Oliveira



"Minha profissão de gari deveria ser a mais bem paga do País. Quem quer limpar o chão que o outro passa?"

Aos 56 anos, o mineiro Françóis já foi professor de inglês, português, matemática e física. Ele se orgulha em dizer que já ganhou muito bem dando aulas particulares para os filhos dos Maçons que hoje vivem em todos os cantos do mundo.

Mas abandonou tudo para viver dois sonhos: andar de avião e conhecer Nova Iorque. Conseguiu, ficou cinco anos nos Estados Unidos, trabalhou em diversas áreas. Mas, em 1995, foi deportado depois que a imigração o pegou sem visto.

Voltou para morar na Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, mas não aguentava ficar lá por muito tempo porque via muita violência. Por isso passou muitas temporadas alternando Rio, São Paulo e Belo Horizonte.

A última vez que veio para São Paulo, em 2 de março de 2011, dia de seu aniversário, precisou dormir pela primeira vez nas ruas. "Eu vim na loucura, sem dinheiro, sem nada e fui dormir ao lado de uma guarita policial".

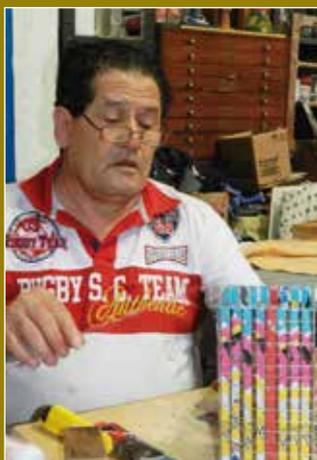
Por muito tempo ele dormiu em albergues e fazia alguns trabalhos durante o dia. Até ir para uma moradia provisória.

Françóis é um homem culto e antenado à política e às questões sociais. "Hoje posso dizer que sou um homem privilegiado, conheci 10 países e em todos eles há muita miséria, mesmo nos Estados Unidos onde nunca me faltou emprego eu vi muita pobreza. Há homeless (pessoa sem casa) em todo o lugar do mundo".

Como ele mesmo diz, "depois de comer o pão que o diabo amassou", conseguiu um emprego de gari, para seu deleite, trabalha na rua onde mora.

Hoje tem uma namorada que está grávida e logo mais devem alugar o quarto de uma pensão, desde que seja perto do trabalho dele, porque odeia andar de ônibus e metrô: "o estresse do trabalhador é ficar horas nos transportes públicos, isto acaba com a vida de qualquer um".

Carlos Roberto Fabrício



"Só quero viver meus últimos anos bem, sem bebida, no meu apartamento e com a minha família. Isto que é paz para mim"

O Carlinhos deixou a família em São Manoel, no interior de São Paulo, para buscar emprego na capital, trabalhando na construção civil.

Em 1982 começou a fracassar os serviços, começou a beber e roubaram-lhe o pouco que restava. "Fui para a rua por falta de emprego, sem perceber eu estava morando nas ruas, minha ficha só foi cair muito tempo depois".

Ele conseguia comprar comida e "pinga" catando papelão, mas não dava nem para pensar em pagar um aluguel. "A rua é triste, a gente acaba perdendo tudo e tem uma hora que a gente não cabe mais em lugar nenhum, não dá nem para entrar num lugar, porque tá sujo, porque cheira mal".

Depois conheceu um grupo religioso que "trabalhava com os mais pobres", e com o tempo resolveram criar um "time" para venderem juntos os materiais que recolhiam.

Criaram uma pequena associação que depois virou a Coopamare, a primeira cooperativa de catadores de material reciclável do País. "Éramos em 25 catadores, nos juntamos para vender nosso material direto para os grandes depósitos, para eliminar o atravessador [os donos dos pequenos depósitos], assim ganhávamos um preço mais justo".

Carlinhos não só deixou de morar nas ruas como também deixou de catar os recicláveis, mas a rua continua fazendo parte da vida dele. Hoje é um artesão que trabalha com os mesmos recicláveis que catava.

Do futuro, ele pensa em se mudar para o apartamento que os catadores conseguiram, juntos, financiar pelo banco público. Quer morar com os dois filhos e nunca deixar de dizer que eles precisam trabalhar e cuidar para que não tenham que viver nas ruas.

Luiz Carlos Capelo



"O povo da rua não é tudo igual, assim como são diferentes as pessoas da mesma família, da mesma religião"

O "Luizinho da Bola", como é conhecido, morava com a esposa e quatro filhos em Ribeirão Preto e saiu de casa depois de se divorciar da mulher. Além de deixar a família, abandonou a oficina de bolas que tinha na cidade.

Veio para São Paulo em 1988, conseguiu trabalho em grandes circos, foi consertar as lonas e acabou virando palhaço e ajudante em diversas áreas.

Um funcionário da Penalty viu ele trabalhando e o convidou para participar da Fundação Nacional de Amparo ao Trabalhador Preso (Funap). Aceito o convite, ele viajou pelo interior de São Paulo ensinando aos presos a arte de costurar bolas de couro.

Quando acabou o trabalho, ficou nas ruas. Pediu um carrinho de construção para o irmão dizendo que ia catar papelão. Com uma pequena deficiência nas pernas, vendeu o carrinho para comprar couro e outros materiais e realizar seu ofício.

Luizinho diz que nunca foi um morador de rua, foi um cidadão em situação de rua porque sempre pensou em melhorar de vida. "Mas na rua somos marginalizados, porque marginal não é bandido, marginal é quem vive às margens da vida".

O artesão diz que conhece bem a rua e que a rua lhe trouxe muita experiência, que mesmo sendo sempre muito respeitoso ele passou a respeitar ainda mais o próximo, "a rua não é diferente do resto da sociedade, por isso a gente não pode generalizar, cada caso é um caso, ninguém pode achar que todo homem de rua é vagabundo, um bandido. É assim em todo lugar, nas famílias, na política, na religião".

Hoje, ele mora num quarto alugado e vive com a renda de seu trabalho. E considera que a rua lhe trouxe muita experiência, disse que aprendeu até o que já sabia. "Eu sempre respeitei o próximo, mas na rua aprendi a respeitar ainda mais, somos todos iguais".

Para Luizinho, a vida nunca lhe deu nada de graça e por isso não faz planos e não tem medo do futuro. "Já vi muita coisa, sou um senhor, um bisavô. Não acredito que quem sabe faz a hora, eu espero acontecer e pronto".

CENTRAL DE INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS

Secretaria da UGT divulga novo projeto para trabalhadores com deficiência



A Secretaria para Assuntos de Acessibilidade da União Geral dos Trabalhadores (UGT) implantará a Central de Libras, com objetivo de garantir um melhor atendimento aos trabalhadores com deficiência auditiva e/ou surdos, nas homologações e contratações.

Segundo a secretária da pasta, Silvana Mesquita da Silva, a central contará com computadores, serviços de comunicação por imagem e som, equipamento de telefonia e um veículo para atendimento in loco.

"A Central fará o atendimento virtual, contando com intérpretes de língua de sinais, para atendimentos à distância, tornando acessíveis os serviços de informação e tradução, uma forma de levar autonomia aos trabalhadores com deficiência auditiva. Além disso, vamos oferecer a possibilidade de melhorar a vida delas, quebrando barreiras que se transformarão em pontes para as comunidades surdas", explica Silvana.



Silvana Mesquita da Silva



UGT LEVA APOIO À TRABALHADORES DA NISSAN

Sindicalistas brasileiros, liderados pelo presidente da União Geral dos Trabalhadores – UGT, Ricardo Patah, estiveram nos Estados Unidos prestando solidariedade aos operários da Nissan, que trabalham sob ameaças da montadora. Os sindicalistas realizaram uma manifestação, organizada pela UAW (United Auto Worker), o maior sindicato de trabalhadores do setor automotivo dos EUA.

Ricardo Patah, esteve presente ao

ato juntamente com o deputado Roberto de Lucena (PV-SP), vice-presidente da UGT, o secretário de Finanças, Moacyr Malvino Pereira, o secretário de Imprensa, Marcos Afonso, o secretário de Formação Sindical, Arnaldo de Souza Benedetti, o secretário de Marketing, Marcos Gimenez e Sidney Corral. Eles estavam acompanhados de sindicalistas brasileiros, que também estavam nos EUA participando das manifes-

tações em apoio aos trabalhadores americanos.

Para o presidente Ricardo Patah, no mundo globalizado os trabalhadores têm que se unir e denunciar as práticas antissindicalistas das empresas. Na Nissan, segundo Patah, os trabalhadores vivem sob ameaça de demissão trabalham em jornadas de 60 e até 70 horas por semana, não têm reajuste salarial e os empregados diretos recebem US\$ 22 por hora en-

quanto os terceirizados apenas US\$ 10. Patah diz que testemunhou relatos assustadores, principalmente quanto a proibição dos sindicatos representarem os trabalhadores. “Quem se filia a um sindicato é demitido pela empresa”, diz.

A UGT esteve nos EUA para expressar solidariedade do movimento sindical brasileiro aos trabalhadores e trabalhadoras norte americanos que sofrem com práticas antissindi-

cais e privação de direitos trabalhistas promovidas pela montadora Nissan no estado do Mississippi, no oeste dos Estados Unidos.

Graças ao modelo sindical norte americano, que favorece os empregadores em detrimento a classe trabalhadora, a montadora japonesa vem ferindo e desrespeitando direitos trabalhistas e humanos de seus funcionários.

“Este é um ato histórico porque o

movimento sindical brasileiro sempre foi muito criticado por não ter uma operacionalização importante no ponto de vista geral no nosso país, pois diversos jornalistas diminuem muito as ações que se referem a organização da classe trabalhadora, mas se calam quando vem a tona situações como as vividas pelos funcionários da Nissan americana, que é extremamente grave”, explica Ricardo Patah, presidente da UGT.

Reportagem publicada na imprensa de Canton, no Mississippi, relatando a visita da delegação brasileira da UGT aos EUA

"Delegação brasileira vai ao Mississippi para apoiar trabalhadores na fábrica da Nissan em Cantão para adquirir o direito de sindicalizarem-se."

Sindicalistas brasileiros, liderados pelo presidente da União Geral dos Trabalhadores - UGT Ricardo Patah, foram recebidos em Rosemont em uma recepção organizada pelo congressista Bennie Thompson missionário da Igreja Batista para apoiar a Aliança do Mississippi pela igualdade na Nissan (MAFFAN), O Pastor Jimmie L. Edwards abriu a reunião com uma calorosa recepção realizada na noite de domingo, 17 de março de 2013.

Participaram com Thompson o conselheiro senior da União dos Trabalhadores automobilísticos (UAW) Richard Bensinger, Rafael Messias Guerra, membros da UAW, o representante estadual Jim Evans, o pastor Jimmie Edwards, o bispo Ronnie Crudup, funcionários da Nissan, o dr. Isíacas Jackson, Presidente da MAFFAN e seus membros.

Membros da MAFFAN relataram como a Nissan consistentemente ignora ou viola as normas de direitos humanos, a liberdade de reunião e a liberdade de organização de um sindicato.

A delegação brasileira liderada por Ricardo Patah, Presidente Nacional da UGT, representa os sindicatos de 8 milhões de trabalhadores de varejo e funcionários que trabalham nas concessionárias da Nissan no Brasil.

Patah esteve acompanhado de outros seis membros de seu sindicato, incluindo Roberto Lucera, que é vice presidente da UGT e deputado Federal. Outros dois membros da delegação foram do Sindicato dos metalúrgicos, que representa os trabalhadores da fábrica da Renault/Nissan no Brasil e irão representar os trabalhadores de Nissan na nova fábrica da Nissan perto do Rio de Janeiro.

De acordo com a delegação, "os sindicatos brasileiros estão muito preocupados com as empresas que violam as normas internacionais de direitos humanos em todo o mundo, e é por isso que estão tão preocupados com as atividades da Nissan no Mississippi".

"Eles estão especialmente preocupados com a Nissan porque o Brasil é um dos mercados de automóveis que crescem mais rapidamente no mundo. A Nissan

tem sido a montadora que mais cresceu no Brasil nos últimos três anos; ela está construindo uma nova fábrica em Resende, Rio de Janeiro. A Nissan é também patrocinadora da Copa do mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro. O CEO global da Nissan, Carlos Ghosn é brasileiro."

Mark Haasis compartilha a história do forte movimento de Sindicatos no Brasil. "Muita gente foi retirada da pobreza no Brasil. Na verdade, temos nove colegas dirigentes sindicais."

"Os EUA é um país que nos ensinou muito, disse Patah. "Eu olho para trás quando Chicago enfrentou alguns desafios no século XIX. É também o país que nos deu o dia internacional da mulher por causa da luta das mulheres trabalhadoras neste país.

"Os EUA é um país que sempre nos inspirou. Assim, estamos mais fortalecidos e capazes de contribuir para ajudar também aos trabalhadores americanos de alguma maneira possível – especialmente os trabalhadores da Nissan no Mississippi, a organizarem-se, para serem capazes de ganhar por si próprios e obterem um contrato."

Bob King, Presidente do UAW, comunicou sua emoção com a visita do brasileiro, nomeando esta como uma experiência única e um marco histórico na América.

"Sou inspirado por brasileiros. Eles vieram aqui, integralmente para organizar, estabelecer a negociação coletiva e para apoiar os direitos humanos dos trabalhadores. Considere que bons empregado merecem bons salários. Não houve uma campanha, de que eu tenha conhecimento em nenhum lugar dos Estados Unidos, que tenha sido liderada por trabalhadores como a campanha em Canton, Mississippi, Estados Unidos", disse King.

"Assim como o congressista Thompson disse uma vez; há uma orquestração para dividir, intimidar, desrespeitar, repreender e assustar as pessoas. É ultrajante, injusto e são mentiras completamente gritantes. Parece extremo, mas é o que esses trabalhadores têm que aturar. Eles estão lucrando muito sobre as costas dos trabalhadores aqui no Mississippi. Eles pagam menos e impõem duras disciplina e não oferecem qualquer bônus. É uma mentalidade colonial".

"Esta campanha é para mim, o que acre-

dito que seja o Mississippi e é sobre o que é o coração do movimento dos direitos civis. O congressista Thompson é um líder neste país. Vamos ganhar, porque não seguiremos uma direção tradicional para derrubarmos o abuso da Nissan sobre os trabalhadores aqui" Derek Johnson, presidente da NAACP de MS, que esteve presente desde o início fala também com a mesma eloquência sobre por que é importante haver sindicatos na América."

"Pagar aos trabalhadores o que merecem." Thompson disse, "é claro que o negócio da Nissan é tentar dividir a comunidade. Os trabalhadores devem se organizar. Estou aqui para apoiar os trabalhadores, passo a passo e isto não será fácil.

"Há um mês a Nissan veio ao meu escritório em Washington pela primeira vez em 10 anos e eles trouxeram trabalhadores negros com eles. Eles foram trazendo pessoas lá para me dizer como a Nissan foi boa para eles – como na colônia. Eles estão negando tudo o que você está dizendo, ao dizer 'Veja como somos bons! Veja como tratamos nossos escravos!'

"Eu disse que tudo bem! mas onde está o prefeito de Cantão? Onde está o representante do Estado que representa o Cantão? Onde está o supervisor do condado que representa o local onde se encontra a fábrica no Condado de Madison?"

"Tudo o que posso dizer é que temos eleições em Maio. É necessário certificar-se de que o povo pró-sindicalização seja eleito. Eles vão colocar algumas pessoas para administrar por você. Então não se deixe enganar por aqueles que concorrem a uma reeleição. Vote em maio. Vamos! Não se deixe enganar. Se anda como um pato e grasna como um pato, então deve ser um pato. Continuem a se organizar e não deixem a Nissan dividir vocês."

Esta delegação aconteceu após a visita de dois líderes da maior Federação trabalhista brasileira a CUT, que chegou a Jackson e esteve com os trabalhadores da Nissan e MAFFAN no final de janeiro deste ano, assistiram a um comício realizado no Tougaloo College que contou com a participação de Danny Glover.

Congresso da CONTCOP defende a

DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

Participantes questionaram o monopólio que ainda existe na imprensa brasileira



Antonio Maria Thaumaturgo Cortizo, presidente da Conticop, durante abertura dos trabalhos (foto acima). Abaixo, Ricardo Patah, presidente Nacional da UGT



o final do I Congresso Internacional da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Comunicação e Publicidade – CONTCOP, entidade filiada à União Geral dos Trabalhadores (UGT), os participantes redigiram o documento, A Carta de Salvador, onde apontam as manifestações e direcionamento a ser seguido para a democratização e socialização da comunicação mundial.

O congresso foi realizado entre os dias 3 e 6 de janeiro, em Salvador, Bahia e reuniu representantes dos continentes: americano, europeu e africano.

Dentre os temas debatidos, o uso indiscriminado da tecnologia foi apontado como um agente de redução de direitos, que transforma a maior parte dos trabalhadores em pessoa jurídica. Outro ponto polêmico foi a terceirização, tida como um instrumento de precarização dos salários. Buscando a máxima: "trabalho igual, salário igual", a Federação Nacional dos Trabalhadores em Telecomunicações (FENATTEL) agendou,

ainda para o 1º semestre de 2013, um congresso interno com seus 22 membros para discutir esse tema.

A questão da TV pública em Portugal foi trazida pelo jornalista Carlos Fino, que fez um pequeno histórico da emissora estatal portuguesa, a RTP (Rádio e Televisão de Portugal) e demonstrou as dificuldades que ela enfrenta, entre elas a demora na liberação das verbas públicas e a tentativa, por parte do governo, de privatizá-la.

Ainda em relação às TVs estatais, Edson Amaral do Sindicato dos Radialistas de São Paulo (SINRAD-SP), lembrou os avanços das comunicações na Argentina, Venezuela, Bolívia e outros na América do Sul e pediu para que o Brasil não tenha somente a EBC (Empresa Brasileira de Comunicação) como emissora pública. Ele também lembrou o fato de que muitas emissoras brasileiras estão em mãos de políticos e apontou a neces-

sidade do controle público e o máximo de autonomia para que não se fique a mercê dos governantes e que isso aconteça através de lei.

Francisco Canindé Pegado, secretário geral da UGT e membro da CONTCOP, sugeriu que a moção de apoio a RTP fosse dirigida às centrais sindicais de língua portuguesa para que estas se somem nessa luta.

Sobre comunicação social e a constituição do Brasil, o jornalista e escritor Audálio Dantas falou sobre a política de Democratização da Comunicação e cobrou uma tomada de posição do Congresso Nacional sobre a Lei de Imprensa 5250 de 1967, que terminou revogada pela justiça e previa o direito de resposta.

Ricardo Patah, presidente da UGT, reiterou que para ampliar a democracia brasileira, é fundamental que a imprensa nacional esteja livre do monopólio existente hoje e que beneficia apenas um grupo de pessoas. O dirigente também lembrou importância histórica que foi a realização da I CONFECOM (Confederação Nacional de Comunicação), realizada em 2009, em Brasília, mas foi categórico em afirmar que de nada adiantou aquele encontro entre representantes do governo, sindicatos, centrais sindicais e movimentos sociais se as propostas que foram elaboradas não entrarem em vigor.

Ao final das palestras, a plenária das Federações e Sindicatos assumiram alguns compromissos em defesa dos trabalhadores. Entre eles estão: combater a proliferação da figura da pessoa jurídica; criar mecanismos que impeçam que trabalhadores ocupem funções restritas aos publicitários regulamentadas pela Lei 4680; lutar para que estagiários de publicidade sejam impedidos de exercerem atividades não inerentes à profissão e lutar para que os trabalhadores em publicidade exterior exijam de seus empregadores equipamentos de segurança inerentes ao exercício da profissão.

5 ANOS DA UGT-PARANÁ



A UGT-PARANÁ comemorou, no dia 8 de março, cinco anos de atividades no Estado e inaugurou a sede da Regional Norte, em Londrina, com a filiação de mais três sindicatos

A data de 8 de março é muito especial para a UGT-Paraná. Além de comemorar o Dia Internacional da Mulher, esse dia marca a criação da Central no Estado. Há cinco anos, na cidade de Londrina, a União Geral dos Trabalhadores no Estado do Paraná nasceu alicerçada pelos ideais de um sindicalismo cidadão, ético e inovador.

Ao longo desse período de atividades, a UGT-Paraná tornou-se uma das maiores estaduais da UGT no Brasil, congregando mais de 190

sindicatos filiados e com uma base de representação de mais de 1 milhão de trabalhadores, sendo a maior Central sindical do Estado.

Mas esse crescimento da UGT-Paraná transfere aos dirigentes e filiados da Central a responsabilidade de práticas sindicais coerentes com o cenário político e econômico do Estado. Com uma visão moderna e

inovadora, a direção da UGT-Paraná descentralizou as ações da Central, criando regionais, estrategicamente instaladas em cidades/polo do Estado. Atualmente são quatro regionais: Oeste, Norte, Litoral e Noroeste, além da sede da UGT-Paraná em Curitiba. Cada regional tem a autonomia nas relações intersindicais, promovendo o planejamento e a execução de ações pertinentes a cada região.

Respeitando as especificidades, a UGT-Paraná promove o fortalecimento das regionais em consonância com as necessidades das categorias profissionais e de movimentos sociais atendidos em cada região. E seguindo as orientações do 2º Congresso Estadual da UGT-Paraná, realizado em Curitiba, em março de 2012, a Central reforça as ações junto às diversas categorias representadas. A promoção de seminários, palestras e cursos de for-

mação e qualificação de lideranças sindicais é outro foco da UGT-Paraná. "Em nosso congresso estadual definimos uma participação efetiva dos dirigentes da Central nas diversas instâncias do poder público. Com isso, conseguimos eleger diversos vereadores".....

No cenário macro político, a UGT-Paraná vem participando de importantes decisões nas diversas esferas dos conselhos estaduais e municipais. A participação da UGT apoiando lideranças sindicais nos pleitos eleitorais de 2008, 2010 e 2012 alcançou resultados substanciais. "Hoje são várias as lideranças sindicais eleitas vereadores, além de termos companheiros na presidência da Câmara Municipal de importantes cidades, como o caso de José Carlos das Neves, o Zé Carlos (PMN), em Foz do Iguaçu, e o Ozéas Souza da Silva (PDT), em Cafelândia", destaca Rossi.

Berço da UGT-PARANÁ

Ao completar cinco anos de atividades, a UGT-Paraná festeja seu crescimento voltando ao berço de sua criação no Estado. "A escolha de Londrina para sediar as comemorações de aniversário da UGT-PARANÁ e o Dia Internacional da Mulher têm um significado muito forte para todos nós", lembra Paulo Rossi. "Foi nessa cidade que demos a largada para o surgimento da maior central sindical paranaense. E estarmos nesse dia 8 de março de 2013 comemorando o Dia Internacional da Mulher, os cinco anos de fundação da UGT-Paraná e inaugurando a sede da Regional Norte da UGT-Paraná é uma emoção muito grande, principalmente por vermos as lideranças que deram os primeiros passos estarem aqui conosco, reforçando os vínculos sindicais e de companheirismo."

Para marcar as comemorações pelos cinco anos da UGT-Paraná, na solenidade de inauguração da sede da Regional Norte, mais três sindicatos formalizaram a filiação à Central: Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Tamarana, Sindicato dos Servidores Públicos na Agricultura e Pecuária do Estado do Paraná e o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de São Jerônimo da Serra.

Ao formalizar a filiação desses sindicatos, o presidente da regional norte da UGT-Paraná, Marcelo Urbaneja, enfatizou o trabalho desenvolvido pela FESMEPAR- Federação dos Servidores Públicos Municipais do Paraná, na promoção de cursos de qualificação sindical, apresentando aos sindicatos de servidores do Estado as propostas da UGT voltadas à valorização dos trabalhadores no serviço público. 



UGT-AM se prepara para o FÓRUM DE MEIO AMBIENTE

A União Geral dos Trabalhadores no Amazonas (UGT-AM) foi escolhida como a entidade para desenvolver o projeto piloto das ações de promoção ao trabalho decente para o ano de 2013 em todo o País. O projeto será desenvolvido em parceria com a UGT nacional e a Central Sindical Cristã Belga, que é uma referência internacional no assunto. Este ano, as ações terão como foco o meio ambiente.

No ano passado, no Amazonas, a UGT realizou ações como seminário de qualificação, levantamento de crescimento das entidades sindicais, distribuição de panfletos com orientações e visitas às áreas onde atuam os atores da economia informal e sindicatos. “As pessoas pensam que o trabalho decente é você trabalhar bem vestido num ambiente climatizado. E verificamos que não é só isso. O trabalho decente reflete uma remuneração digna e suas condições laborais, a não exploração do trabalho infantil e do trabalho escravo, a erradicação da discriminação, da

homofobia e de todo tipo de discriminação”, diz Nindberg Barbosa dos Santos, presidente da UGT Amazonas, ao avaliar as ações realizadas em 2012 no estado.

Nindberg afirma ainda que um dos principais problemas constatados nas atividades do Trabalho Decente realizadas no passado foi a exploração

do trabalho infantil próximo aos semáforos das vias de Manaus. “Quando passamos nos cruzamentos constatamos que tem crianças fora das escolas. Crianças que estão tentando sobreviver e que têm em suas costas o peso da responsabilidade de levar o sustento para dentro de casa. Isso é uma exploração praticada pelos pais, então tudo isso é o que tentamos combater”, aponta.

O dirigente sindical adianta que desde o fim do ano passado até hoje o foco das ações vem sendo o meio ambiente. “Todo mundo pensa que

meio ambiente é só a fauna e a flora. Não, o meio ambiente é onde o ser humano vive. E diante disso as pessoas estão trabalhando em locais insalubres, em locais perigosos”, explica Nindberg. “E isso nos gratifica do ponto de vista sindical, principalmente, quando conseguimos reverter alguma dessas situações”, completa ele.

Para o presidente da UGT Amazonas, o apoio da imprensa, de todas as mídias e de órgãos fiscalizadores como a Superintendência Regional do Trabalho e Emprego (SRTE) tem sido importante para que as ações do trabalho decente possam chegar ao conhecimento da sociedade. “Precisamos ter essas instituições como parceiras, porque a partir disso começaremos a influenciar nas

questões das políticas públicas para levar para todas as esferas governamentais (municipal, estadual e federal) os nossos projetos. O que queremos é que as pessoas tenham cidadania e dignidade”, enfatiza.

Uma das primeiras ações do Trabalho Decente no primeiro semestre de 2013 foram as visitas ao interior do Estado. A primeira parada foi no município de Manacapuru, onde a entidade teve contato com catadores de resíduos recicláveis e foi firmada uma parceria com a associação desses profissionais, a Prefeitura de Manacapuru por meio da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e uma empresa de informática que fez doação de duas bolsas de informática atendendo uma solicitação da UGT-AM. “Os catadores de Manacapuru

estavam atuando dentro do lixão, conseguimos conversar com o secretário Daniel Guedes, que fez a substituição do local e disponibilizou um galpão, onde os catadores começaram a trabalhar”, disse Nindberg.

A empresa de informática será responsável por qualificar os trabalhadores na área tecnológica. Segundo Nindberg, em junho já está programada a realização de um seminário como parte das ações do trabalho decente com o objetivo de capacitar e orientar os sindicalistas em relação às questões voltadas para o tema meio ambiente. “Então convocamos todos os dirigentes sindicais e associados para que possam se engajar nesse novo desafio em fazer um trabalho decente também pelo meio ambiente.”



O trabalho decente reflete uma remuneração digna e suas condições laborais, a não exploração do trabalho infantil e do trabalho escravo, a erradicação da discriminação, da homofobia e de todo tipo de discriminação”

Nindberg Barbosa dos Santos, presidente da UGT Amazonas (a direita na foto)



MOTOBOYS, PROFISSÃO DE RISCO

Eles querem sair do perigo, mas pedem a colaboração do governo

Correr contra o tempo é sina da categoria dos mototretistas, como são conhecidos os motoboys. Já não basta a saga de costurar o trânsito das grandes cidades para deixar a entrega ao cliente, esses trabalhadores andam suando para se adequar à Lei nº 12.009/2009, a qual fixa regras que a categoria reconhece e apoia, obrigando a utilização de equipamentos de proteção e a realização de curso específico para a condução segura. A fiscalização estava marcada para ter início no dia 02 de fevereiro deste ano, quando, numa sexta-feira, dia 1º do mesmo mês, o Sindicato dos Mensageiros, Motociclistas, Ciclistas e Mototaxistas de São Paulo (Sindimoto-SP), filiado à União Geral dos Trabalhadores (UGT), fez um ato que paralisou as principais vias de São Paulo, solicitando a prorrogação do prazo. O evento reuniu cerca de 10 mil motociclistas e culminou na entrega de um documento endereçado à Presidência da República, no Ministério Público Federal, em SP, para oficialização do pedido.

O Sindimoto-SP vem alertando, desde 2009, que a Lei Federal não daria para ser cumprida, porque os órgãos públicos responsáveis, como o Conselho Nacional de Trânsito (Contran) e o Departamento Nacional de Trânsito (Denatran), não se preocuparam em oferecer os meios necessários para o cumprimento da legislação. No ato foi solicitado que a fiscalização da regulamentação da profissão passasse a valer dentro de 12 meses. A multa pode chegar a R\$ 191,54, entrando no quadro de infração gravíssima.

O Departamento de Trânsito (Detran) disse que já adiou ao menos três vezes o início da operação e alega que já houve um período de

adequação para se integrar. Porém, alerta o presidente do Sindimoto-SP, Gilberto Almeida dos Santos, “se pegar a legislação, só o Sistema S poderia dar o curso e só existem 27 unidades no estado. Então o Denatran assinou uma outra portaria para outras instituições se credenciarem, dali pra cá aumentou 14 unidades no estado para poder dar o curso, o que é pouco”.

São muitas as dificuldades, desde a regulamentação dos municípios, à falta de escolas credenciadas para dar o curso e a transferência da moto de categoria passageiro para espécie carro. São coisas que precisam de tempo e têm um custo. Em São Paulo, são 645 municípios e apenas 15 regulamentaram a Lei. “O quadro da cidade de São Paulo, apesar de toda a deficiência, ainda é o melhor. A estimativa é que cerca de 220 mil trabalhadores sejam atingidos com a nova fiscalização, aumentando para 500 mil na extensão de todo o Estado. Desses, são 32 mil que conseguiram concluir o Curso obrigatório de 30 horas”, informa o presidente do Sindimoto-SP.

O que não pode é que a fiscalização seja apenas para alguns. Deve ser feita uma cobrança em cima de cada prefeitura e suas secretarias de transportes municipais. É preciso fazer pressão. Os motoristas condutores, registrados e autônomos, enfrentam uma burocracia muito grande para tirar a documentação obrigatória, como o Condu moto e Motofrete. Os autônomos precisam pagar seguro de vida de R\$ 45 e nenhum banco faz esse tipo de seguro.

Para regulamentar, há custo. Oferta de locais para fazer o curso de 30 horas é menor que a procura dos motofretistas. O Denatran só abriu espaço para o Curso de Formação de Condutores (CFC) há menos de seis meses. As aulas podem ser gratuitas ou pagas, conforme a deci-

são de cada estado. Falta de escolas, de equipamento de segurança e a exigência das empresas clandestinas do Termo de Credenciamento junto à prefeitura são motivos urgentes que devem ser adequados para que assim possa dar início à fiscalização.

“O Contran baixou uma legislação que os motoboys precisam fazer um curso de qualificação profissional para poder ter autorização para trabalhar na atividade de motoboy. Não estamos contra a legislação, mas esta não foi discutida com a categoria que sabe onde o sapato aperta, sabe onde os problemas dos motoboys ocorrem. Essa legislação veio impondo um prazo de 5 meses para

“A GENTE TEM MUITO GASTO E TUDO TEM QUE SER FEITO A PARTIR DO NOSSO BOLSO. E VIVENDO COM R\$ 900 FICA DIFÍCIL! VOCÊ TEM QUE VIVER, PAGAR E AO MESMO TEMPO SUSTENTAR UMA FAMÍLIA”

Laercio Belisário da Silva

que os motoboys façam este curso de qualificação de muitas horas de aula. Um curso que não é gratuito, é um curso caro, demorado e que não está no acesso do bolso do motoboy”, alerta Canindé Pegado, secretário-geral da UGT.

Há quem conteste a eficácia do curso e a falta de benefícios. O motoboy Leandro Ventura é autônomo e garante que é no dia a dia das ruas que se aprende. “Esse curso não vai trazer nenhum fundamento pra gente, não vai ter melhoria no salário nem qualificação profissional”, ressalta.

Urge ponderação e vontade política. “Se todas as escolas privadas e o

Sistema S de SP forem realizar o curso para motoboy, só dá para realizar curso para 2 mil motoboys por mês. Só em SP são 220 mil motoboys! Isso levaria 10 anos para realizar estes cursos na situação atual nas entidades”, calcula Canindé Pegado.

E sem o curso não é possível a renovação do Condu moto, portanto, o jeito é batalhar madrugada adentro para enfrentar as filas por uma vaga. Muita burocracia, excesso de documentação e nenhuma facilidade de acesso. Fernando Domingues é motociclista registrado, mas enfrenta os desafios e desparos de viver no vai e vem do trânsito. “Alegam que ser regulamentado é para salvar vida, mas não serve pra nada, porque o que salva a vida é a educação. Não adianta pegar uma classe e dar aula pra um certo setor, sendo que a maioria não tem educação”, protesta.

Pegado ressalta que a sociedade precisa ter o conhecimento de quem é o trabalhador motoboy e que ele quer trabalhar. “São pessoas cujo trabalho é de extrema importância, porque além de servir à sociedade, repartição pública, empresas, hospitais, eles correm perigo. E ao sair de casa para trabalhar, deixam seus familiares na esperança de que estes trabalhadores possam voltar sãos e salvos”.

É preciso sensibilidade do poder público com relação à categoria. Além do motoqueiro estar legalizado com curso e documentação, uma outra questão é a de regulamentação da moto, como emplacamento vermelho, e custos que envolvem. “A gente tem muito gasto e tudo tem que ser feito a partir do nosso bolso. E vivendo com R\$ 900 fica difícil! Você tem que viver, pagar e ao mesmo tempo sustentar uma família”, argumenta o motofretista Laercio Belisário da Silva, prestador de serviço de uma empresa que nada ajuda nos gastos para a regularização.

Para adequar uma moto normal



NO CAMINHÃO, SENTIDO HORÁRIO: CANINDÉ PEGADO, SECRETÁRIO-GERAL DA UGT, GILBERTO ALMEIDA, PRESIDENTE DO SINDIMOTO-SP, RICARDO PATAH, PRESIDENTE NACIONAL DA UGT, E O DEPUTADO ROBERTO SANTIAGO, VICE-PRESIDENTE DA UGT

para uma de trabalho, com todos os equipamentos, como colete, faixa, suporte, o motoqueiro vai gastar em torno de R\$ 1.800. “A situação já melhorou bastante, mas as exigências impostas hoje requer mais sensibilidade do poder público, para que possamos nos adequar, sem esses gastos exorbitantes para que a gente possa estar regulamentado e não correr risco de gerar uma escassez de trabalhador. A regulamentação hoje só exige que façamos e em contrapartida não vem nada ao trabalhador”, contesta Geremias Nunes de Siqueira, presidente da Associação e Sindicato de Motoboys do Estado de São Paulo, que aposta como alternativa a isenção do IPI. Assim poderiam adquirir as motocicletas com redução, uma conquista importante para toda a categoria.

Gil explica que o custo vai de caso a caso, tem casos que o trabalhador precisa trocar até a moto. “A legislação fala que a moto não pode ter mais de 8 anos de uso, então ele tem que trocar por uma moto nova e o custo varia de trabalhador a trabalhador.”

E a diminuição de mototaxistas e motofretistas afeta milhões de pessoas (hospitais, farmácias, aposentados, comércio em geral, TVs, jornais, rádio e revistas, repartições públicas, bancos e a classe média, entre outros) que necessitam do serviço de entrega, o que vai interferir na economia do País. Agora resta aguardar uma solução por parte do governo do que deverá ser feito. “A fiscalização por enquanto está suspensa e aguardamos o plano do governo do estado para ver também o período que vai passar a valer a nova fiscalização”, finaliza o presidente do Sindimoto-SP.

CULTURA

PARA TODAS AS CLASSES

Caberá ao governo federal arcar com R\$ 45 dos R\$ 50 via renúncia fiscal às empresas (o que geraria cerca de R\$ 7 bilhões anuais) e o restante, pelos trabalhadores ou pelos empregadores interessados. O objetivo da Secretaria de Políticas Públicas do Ministério da Cultura é garantir os direitos culturais, fazer com que o trabalhador tenha acesso aos bens e serviços de cultura.

E para mostrar que a utopia é esperança, o Sindicato dos Padeiros de São Paulo, filiado à UGT, que tem como presidente Chiquinho Pereira, também secretário de Organização e Políticas Sindicais da Central, sempre aliou em suas ações o compromisso com a cultura para o trabalhador da categoria. Para ele, o movimento sindical deve despertar e discutir um pouco mais o significado da arte na



"Nós alugávamos ônibus nos finais de semana, pegávamos as famílias de trabalhadores, dávamos um lanchinho, à nossa moda, e saíamos por aí visitando museus, palácios, vendo quadros, discutindo realmente aquilo que era quase impossível estar ao alcance desse povo"
Chiquinho Pereira

Já não é mais utopia, produtos culturais serão também privilégio das classes C, D e E

O valor da labuta na vida humana vem atrelado a metas, conquistas, objetivos, ética, batalhas, reconhecimento, prazer e realização. O ser humano valoriza muito o trabalho, porque é ele quem impulsiona o progresso, o desenvolvimento, mas é importante também, e a União Geral dos Trabalhadores (UGT) sempre se preocupou em reduzir a jornada de trabalho, que as pessoas possam crescer com o lazer, com a cultura, com o esporte. Em dezembro de 2012, foi sancionado pela presidenta Dilma Rousseff o projeto de lei que cria o Vale-Cultura, um benefício ao trabalhador, complementar ao salário, que poderá ser utilizado em cinema, teatro, shows, na compra de livros e revistas e até para pagar uma conta de TV por assinatura.

A UGT comemora a conquista deste avanço. O que parecia utópico mostrou que não é inatingível e há ainda mais condições de chegar a esses sonhos. Todos precisam tanto do trabalho, como de horas para se dedicar ao descanso e aprender e se aperfeiçoar cada vez mais. E isso é motivo de toda a preocupação do movimento sindical em reduzir a jornada, para que o trabalhador possa ter mais tempo livre para ele.

O Vale-Cultura deverá ser implantado a partir de julho deste ano e poderá beneficiar 18 milhões de trabalhadores. A nova lei fornece R\$ 50 por mês, numa espécie de cartão de crédito, a quem for contratado em regime CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e que receba até cinco salários mínimos (R\$ 3,39 mil), o que beneficia principalmente as classes C, D e E. As empresas que aderirem terão desconto de 1% no Imposto de Renda. O trabalhador terá um desconto de até 10% (R\$ 5) do valor do Vale. Para quem recebe acima dessa faixa salarial, o desconto na folha de pagamento será superior a 10%, conforme o valor do salário.



O "Menestrel" Moacir Reis

vida dos trabalhadores. "Nós alugávamos ônibus nos finais de semana, pegávamos as famílias de trabalhadores, dávamos um lanchinho e saíamos por aí visitando museus, palácios, vendo quadros, discutindo realmente aquilo que era quase impossível estar ao alcance desse povo. E nós temos como comprovar as mudanças ocorridas a partir do momento que os trabalhadores passaram a ter acesso a alguns tipos de arte", enaltece o dirigente.

O ator Moacir Reis, conhecido como Menestrel, fez uma apresentação para o Sindicato trazendo um pedacinho de William Shakespeare. Como artista, Reis tem como princípio e ética no trabalho o compromisso de levar conhecimento às pessoas. Ele festeja o incentivo do Vale-Cultura para a população de baixa renda. "Essas iniciativas nobres, educação e cultura, são o canal de comunicação que serve para você evoluir a tua consciência, a sensibilidade. A esperança de um novo mundo melhor está aí. E eu só tenho a louvar a importância desse papel. A filosofia da minha arte sempre foi essa: levar arte e cultura ao alcance de todos e vamos espalhar esta semente. Estamos num novo milênio. Parabéns aos nossos governantes que tomaram essa iniciativa, essa atitude! É um alimento pra alma. Aqui, o Sindicato dos Padeiros, com o pão nosso de cada dia, vai espalhar o alimento para a alma! Essa é a missão do artista, da arte e cultura", saúda.

"A cultura é uma coisa emocionante que as pessoas têm que ter acesso, e hoje o trabalhador não tem pela questão financeira. É inviável ir ao cinema. Então é bem-vinda uma programação dessa forma, de trazer incentivo mesmo. Que o Vale-Cultura

seja colocado em prática, mas de verdade mesmo, não como uma coisa política, superficial. O povo precisa disso, precisa de cultura séria e não essa cultura que nós vemos por aí, superficial, comercial, que engana ou faz apologia para as cabeças dos jovens. E isso é uma preocupação que nós, sindicalistas, temos não só que batalhar pelo conhecimento político do trabalhador, mas pela cultura, porque podemos chegar a ele por meio desse ponto", pondera Carlos Roberto, conhecido como Fumaça, assessor do Sindicato dos Padeiros.

Na esteira da tendência mundial entra mais qualidade de vida, o foco em evoluir a consciência e sensibilidade e o Vale-Cultura vem representar a subida de mais um degrau. "A questão da arte e da cultura, ainda em um País como o nosso, até recentemente considerado de Terceiro Mundo, sempre foi colocada num terceiro plano ou como um privilégio dos ricos a que pobres e classe de trabalhadores não poderiam ter acesso. Um equívoco muito grande, inclusive nossos governantes deveriam saber que o desenvolvimento e o crescimento só podem vir com o crescimento das pessoas, concretamente. Se elas não crescerem, não têm como desenvolver. Então nós apostamos isso durante esses anos todos. E uma coisa que me deixa bastante satisfeito é que todas as ações que temos feito na área do mundo da cultura mostram mais uma vez que esse é, efe-

tivamente, o caminho onde temos que investir e trabalhar", afirma Chiquinho Pereira.

O presidente do Sindicato dos Padeiros lembra da gestão do então deputado federal Antonio Rezk na Secretaria de Cultura de São Paulo como um dos momentos mais importantes do crescimento da categoria dos trabalhadores. "Começamos a ter acesso à cultura que até aquele momento era restrita ao pessoal de classe média alta, para cima. E pela primeira vez tivemos a oportunidade de colocar trabalhadores humildes, como são os padeiros e balconistas, para ter acesso a algum tipo de arte", menciona.

Na percepção de Chiquinho, este talvez seja um dos caminhos mais rápidos e o mais seguro para o desenvolvimento pessoal: proporcionar às pessoas a possibilidade de ter acesso a essa arte. "E essa bobagem de dizer que pobre, que trabalhador não gosta de arte, de que as pessoas não compreendem direito a arte, isso não é verdadeiro, é uma fantasia. Ao contrário, ele não tem é oportunidade. A partir do momento que têm acesso, de fato se deliciam todos que podem participar e ver que as transformações são quase que imediatas", enfatiza.

E para a UGT, essa oportunidade de fazer chegar até às camadas mais populares seria um dos desenvolvimentos melhores que o Estado ou que a sociedade poderia fazer em benefício dela própria. Agora é aguardar para que, enfim, o Vale-Cultura saia do papel e seja o protagonista da alegria e conhecimento de milhões de trabalhadores.

Trecho:

"O maior tesouro que o homem pode acumular é a reputação imaculada"

William Shakespeare



UNIÃO GERAL DOS TRABALHADORES

Sindicalismo Cidadão, Ético e Inovador

Rua Aguiar de Barros, 144 - Bela Vista - São Paulo/SP
CEP 01316-020 - Tel.: 11 2111-7300 - Fax: 11 2111-7301

www.ugt.org.br

Ricardo Patah, presidente

BRASIL